A CLASSE OPERARIA

JORNAL DE TRABALHADORES, FEITO POR TRABALHADORES, PARA TRABALHADORES

Anno I — Numero 9 — Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1925 — Publica-se aos sabbados

A FORMAÇÃO DO BLOCO OPERARIO

Em que pé anda a questão das candidaturas operarias no proximo pleito para intendentes municipaes?

Após ter sido agitada, por volta do 1º de maio, e resolvida por um certo grupo em favor de um candidato, ao que se diz, officioso, quasi que se não voltou a falar mais no assumpto. Foi ainda lembrada a candidatura de um outro trabalhador — este, "chauffeur" — e parece que é tudo.

Mas isto é pouco, é pouco menos que nada. No entanto, a questão é de interesse geral e deve, por sua mesma natureza, despertar maior — e necessario — ruido nos meios proletarios. Este silencio parece uma consiparoção.

Vamos quebrar este silencio. Já aqui expuzemos nosso ponto de vista sobre a maneira como entendemos devem ser apresentadas as candidaturas operarias. Vamos insistir — pelo facto.

A CLASSE OPERARIA é orgão do partido proletario e representa, incontestavelmente, o pensamento geral das massas trabalhadoras do paiz. E' um jornal que tem um já largo circulo de influencia, o que demonstra o acerto e segurança de sua orientação, que reflecte as mais profundas aspirações das massas.

E' pois nessa qualidade — que ninguem lhe póde negar e que pesa alguma coisa na balança — que A CLASSE OPERARIA vai intervir na solução do caso, não mais theoricamente apenas, porém, tambem praticamente.

Somos partidarios da formação de um Blóco Operario unico, o qual, concentrando e coordenando todas as forças obreiras e baseado numa plataforma unica de classe, apresente uma chapa unica de candidatos operarios. As razões, já por nós apontadas, que indicam a necessidade dessa concentração num Blóco Operario, estão sufficientemente entendidas para que repizemos nellas. [illegible] bre ellas, theoric[illegible] agora, de pôr a coisa [illegible]

E' o que vamos faz[er].

Vamos elaborar um progr[amma] que consulte aos legitimos interesses da massa de operarios e camponezes do Districto Federal, e sobre elle propor a formação do Blóco Operario.

Iniciando e participando do Blóco Operario na qualidade de orgão do partido proletario, para a formação do mesmo, na base de um programma de classe, convocaremos os demais grupos operarios que pretendem pleitear as proximas eleições para o Conselho Municipal.

O Blóco Operario será um facto.

O EMBUSTE INCRIVEL

Continúa *O Jornal* a publicar os pretensos artigos de Trotsky, fornecidos por uma agencia americana. Nós continuamos a contestar a authenticidade dos mesmos.

Além das razões fundamentaes que apresentámos, outra ha, de não menor valia, que mais accentua a incrivel desfaçatez da falsificação e do embuste. Queremos referir-nos aos taes artigos "em si mesmos". Elles são lamentaveis, abaixo de mediocres, tratando problemas dos mais complexos com a mais desabusada — e jornalistica — superficialidade, e ainda pessimamente alinhavados, mesmo para traducção de traducção. Ora, Trotsky é sabidamente um grande escriptor e um grande dialectico. Por consequencia — a conclusão é absolutamente irrecusavel — não podia escrever as baboseiras estampadas pelo *O Jornal*. Nem aquillo é *maneira* — signo inconfundivel — de um publicista marxista.

Nós provaremos, a seu devido tempo, de modo absoluto e definitivo, a falsidade de semelhante collaboração *exclusiva* para *O Jornal*.

Mas queremos ainda insistir em chamar a attenção do proletariado para o que essa falsificação vale como symptoma: por trás della está-se armando um vasto plano de desmoralização contra o governo operario da Russia, com um novo e universal *bourrage de crâne* — preliminar para a intervenção militar — através da China ou dos Balkans, por exemplo — contra os Soviets proletarios da Russia.

A estabilidade e os progressos do regimen sovietista são um facto concreto, que apparece aos olhos das massas operarias do mundo de modo mais convincente que as mais bellas palavras dos propagandistas. D'ahi essa offensiva sobre a *opinião publica* por meio de um plano systematico de fal[sific]ações e deturpações scientes da[illegible] [illegible]minar, [illegible] ffen-[illegible]

A educação das mães proletarias

Os companheiros da vanguarda podem e devem emprehender a educação proletaria das companheiras.

A mulher tem maior dose de sentimento que o homem. Seus defeitos têm sido exagerados.

Se de um lado, ella têm, actualmente, menor capacidade de raciocinio que o homem, é, porém, superior a este em finura, paciencia, habilidade, abnegação — qualidades importantes em um marxista. E, quando toma a peito uma tarefa, vai sempre longe. Basta citar Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, Krupskaya e tantas outras combatentes da transformação proletaria mundial. Será, pois, um tempo bem empregado, aquelle que dispendermos com as nossas companheiras e filhas. Nosso esforço individual de transformação social póde começar pelo lar, quer dizer, nossas primeiras conquistas podem ser nossas companheiras e nossos filhos e filhas.

Aquelle que não conseguiu transformar os seus não só vive em um verdadeiro inferno, como tal lacuna é um signal de sua inferioridade como militante. Aquelle, porém, que o consegue sente logo um redobrar de energias. O lar do operario deve ser o prolongamento do syndicato. O lar do marxista deve ser o prolongamento do partido.

E' preciso que os companheiros ensinem as primeiras letras ás companheiras, caso ellas não o saibam. A mulher analphabeta é um serio obstaculo á obra da transformação. Os livros cheios de illustrações são preferiveis; as cartilhas antigas estão totalmente condemnadas. Desde que a companheira saiba ler, é tratar de inicial-a immediatamente na theoria proletaria. Aliás, ella poderá desenvolver a leitura nos proprios livros marxistas. O companheiro dar-lhe-ha a ler em primeiro logar as publicações mais accessiveis: o Abecedario, Abre teus olhos, O paiz e o governo dos trabalhadores o Programma, de Bukharine, as "Noções", de Rappoport. Depois: o Manifesto de Marx Engels. Em seguida, traduzir-lhe-ha o "A B C" de Buckharine e Preobrajensky (livro que, quando existir em portuguez, deve ser o primeiro a ser lido), e as obras completas de Ulianov, infelizmente em hespanhol ou francez, sendo, porém, de notar que o "Radicalismo", deve ser lido muito depois. A iniciação marxista precisa ser completada com a leitura dos nossos jornaes e manifestos, com o acompanhamento da vida syndical, da situação nacional e internacional, com o comparecimento ás conferencias operarias, com as visitas ás fabricas e officinas, etc.

O companheiro deverá responder a todas as perguntas, destruir todas as d[illegible] confusões do compa[illegible] zinha. [illegible] sahiu na [illegible] a alimentação [illegible] gosta de poesia, fazel-a aprend[er os] versos da Internacional". Se gosta de musica, fazel-a cantar esse hymno. Se aprecia o cinema, escolher as fitas das grandes epocas de transformação social, mesmo da revolução franceza. E assim por diante. E' preciso ser psychologo: ver qual o fraco da mulher e, por ahi, penetrar firme, lembrando-se sempre de que é mais facil prendel-a pelo lado do sentimento do que pelo do pensamento. Todavia, é preciso que os argumentos baseados no sentimento sejam vehiculos para os argumentos baseados no pensamento. Assim, o companheiro aponta varios aspectos da miseria proletaria até commover a companheira. Ahi então, depois da pancada na ferradura, dá a pancada no cravo. Diz-lhe que aquella miseria não terá fim emquanto existir o capitalismo, porque o capitalismo só tem em vista o lucro. Portanto, para extinguir a miseria, é preciso extinguir o capitalismo. E, para extinguir o capitalismo, é preciso estabelecer o governo proletario, a ditadura do proletariado... Por essa fórma, a companheira, tendo partido do sentimento, do humanitarismo do subjectivismo, attingirá as alturas da razão fria, do objectivismo.

E' preciso evitar o convivio com pessoas reaccionarias. E' preciso, com paciencia, mas com firmeza, ir cortando as tendencias mysticas.

A iniciação scientifica da companheira far-se-ha com a leitura dos pequenos manuaes de physica, chimica e historia natural. Igualmente, com as visitas ao Museu Nacional, aos Jardins Zoologico e Botanico e com as fitas scientificas. E' claro que tudo isto depende das possibilidades de cada um.

Fabrica de Fogões Progresso

Pertence á firma L. B. de Almeida & C., Fica na rua dos Arcos, estendendo-se até ao sopé do morro de Santo Antonio. Somos uns 300. Trabalhamos 8 horas, mas o salario é pouco. Desejariamos ganhar mais. Ha algumas dezenas de meninos. A maioria dos companheiros mora no centro da cidade — nos celebres quartos mal arejados, pagos pela hora da morte. Mas existem companheiros que moram em Piedade, Ramos e outros suburbios. E vêm todos os dias. Com mais vagar, daremos outras notas. — Os operarios da fabrica Progresso.

Na estamparia Bonavita

Nessa estamparia, á rua Buenos Aires, um armeiro ganha 10$, um aprendiz do arame 4$, um aprendiz da estamparia 2$500. Ha meninos que ganham até 2$ trabalhando 8 horas, como qualquer homem.

Não! Não póde ser assim.

Queremos augmento de salario e diminuição das horas de trabalho. Sete horas já chegam de sobra para um menino! — Os pequenos operarios da estamparia Bonavita.

CONCEIÇÃO, MOCANGUÊ E VIANNA

I — NA ILHA DA CONCEIÇÃO

Nós, operarios do Lloyd Brasileiro na ilha da Conceição, vimos reclamar contra o que se passa ahi.

Os operarios "mensaes" não podem ficar doentes, nem perder o trem ou o bonde.

Perdendo a conducção, o operario não ganha. E o seu substituto — obrigado a dobrar o trabalho — tambem não ganha. E nada se póde dizer. O ambiente é de pressão.

Quando temos a desgraça de chegar meia hora atrazados, já sabemos: vamos trabalhar, mas nada ganhamos. Preferimos assim, porque, se não trabalharmos, perderemos dois dias, a titulo de "moralizar" a repartição. Estranha moralidade!

Trabalhamos correndo quartos: o 1º, das 7 ás 15; o 2º, das 15 ás 23; o 3º, das 23 ás 7 da manhã.

O terceiro quarto só assigna o "ponto" quando deixa o serviço. Se por acaso o operario, victimado por um accidente, não assignar o "ponto" ao sair, não terá direito á reclamação sobre accidentes porque logo os chefes allegam que o dito operario não trabalhou naquelle dia.

NOSSAS ASPIRAÇÕES

(a) Economicas.

Augmento de 1$000 em todos os salarios; pagamento integral aos operarios que dobrarem o trabalho; direito de fazermos 3|4 quando nos atrazarmos; pagamento integral desses 3|4; não "moralizar" o Lloyd á custa do pão de nossos filhos; assignarmos o "ponto" á entrada do serviço; extincção das formalidades burocraticas diante dos factos concretos como os accidentes.

(b) Politicas:

Direito de livre associação: economica (no syndicato) e politica (no partido operario); direito de lermos e propagarmos o nosso jornal — em qualquer parte da ilha; nenhuma perseguição contra os membros do partido operario; não intervenção do poder coercivo nos movimentos de classe.

(c) Economico-hygienicas.

A moradia, perto do local de trabalho, em grandes habitações collectivas — hygienicas, systema europeu.

(d) Intellectuaes.

Usofruto de uma casa, afim de, nella, instalarmos uma escola, onde não haja a menor influencia do Estado; subvenção de 6 1|2 contos annuaes para a manutenção da escola.

O Estado é poderoso. Mas a consciencia proletaria, soldando todos os trabalhadores, ha de ser victoriosa. — **Os operarios do Lloyd Brasileiro, na ilha da Conceição.**

II — EM MOCANGUÊ

E' bem triste a nossa situação. Ha dias, um companheiro ficou doente no serviço. Foi para casa. Ficou varios dias em tratamento.

Não tendo quem o [illegible], não pôde avisar os chefes. Mal restabelecido, voltou ao trabalho. Vimol-o magro, anemico, os olhos esbugalhados. O burguez estatal, vermelho como um camarão cozido, e gordo como um "barrão", olhou-o com superioridade e disse-lhe:

— Está suspenso por 15 dias!

E' dolorosa a paisagem da Ponta da Areia, nessas frias manhãs de junho. Desfilam as linhas negras dos galés do industrialismo. A conducção é pessima. Os operarios, apinhados. Mais dia, menos dia, qualquer um de nós morrerá afogado.

O burguez estatal, como outr'ora o senhor de escravos, faz de certos operarios, encarregados ou fiscaes. E estes, como os antigos feitores, são os peores carrascos de seus ex-companheiros. A que ponto o capitalismo perverte os homens!

NOSSAS ASPIRAÇÕES

Além das publicadas no n. 6 da A CLASSE OPERARIA, temos mais a accrescentar:

(a) Economicas.

Nenhuma suspensão por motivo de doença.

(b) Politicas.

As mesmas dos companheiros da ilha da Conceição.

(c) Hygienicas.

Melhor conducção.

(d) Moraes.

Mais consideração por parte dos fiscaes e encarregados.

(e) Intellectuaes.

As mesmas dos companheiros da ilha da Conceição.

Alliados ao proletariado das cidades e dos campos e, especialmente, ao proletariado das ilhas da Conceição, Cajú, Vianna, do Barreto, de S. Gonçalo, do Maruhy, da Ponta da Areia, porfiaremos até á victoria. — **Os operarios da ilha Mocanguê.**

III NA ILHA DO VIANNA

Isto aqui é um Estado dentro do Estado. Os patrões têm um corpo especial de vigilancia. Apesar de todo o seu patriotismo, preferem o operario portuguez ao brasileiro. Moramos em barracões. Ganhamos pouco. Trabalhamos muito. Ha companheiros que têm até medo de ler o jornal dos trabalhadores. Ha muitos menores.

Soubemos que A CLASSE OPERARIA defende todos os trabalhadores. Soubemos que, por causa de um artigo que ella publicou, acabou-se, no estaleiro Canella, a exploração dos cartões e do pasteleiro. Ora, como os companheiros desse estaleiro, nós tambem queremos melhorar.

NOSSAS ASPIRAÇÕES

(a) Economicas.

Augmento de 1$000 para todos os operarios; horario de 7 horas para os pequenos aprendizes.

(b) Politicas, hygienicas, moraes e intellectuaes.

As mesmas dos companheiros das ilhas da Conceição e Mocanguê.

Luctaremos e venceremos. — **Os operarios da ilha do Vianna.**

Com os pequenos proprietarios, commerciantes e industriaes

Os pequenos proprietarios, commerciantes e industriaes, o pequeno funccionalismo, os intellectuaes pobres — os pequenos burguezes, como nós chamamos — vivem numa profunda illusão: acreditam na possibilidade de enriquecer, de transformar-se em médios e, depois, em grandes [illegible] cos. Julgam que a economia é um dos processos para isto. Illusão com[illegible] Viverão na desgraça e nunca [illegible] [c]oisa alguma. [illegible] uma lojinha, uma pe[illegible] alfaiataria, um barracão, um [illegible] de terra. Fazem logo os calculos mais optimistas, lembrando a fabula da leiteira e do pote de leite. Sorrimos com piedosa ironia quando os vemos nesses calculos. Ignoram que o desenvolvimento do capitalismo liquidará sua pequena propriedade. Esquecem que as doenças, os impostos, as tarifas e os alugueis não os deixarão aprumar a cabeça. Esquecem que, no meio de mil pequenos burguezes, só um consegue triumphar — passageiro triumpho, pois já o proletariado se prepara para atrapalhar-lhe os planos!

Provada, portanto, a proletarização fatal e a impossibilidade de triumpho para os pequenos burguezes, só lhes restam quatro caminhos: o anarchismo, que é a theoria da pequena burguezia exasperada com a proletarização e ainda não esmagada nem desilludida; o fascismo, que é a theoria da pequena burguezia exasperada com a proletarização e desilludida do reformismo que não lhe trouxera o bem estar desejado; o actual terrorismo individual — confuso, desordenado; e o marxismo.

A experiencia das luctas proletarias de 1917 a 1920 já demonstrou a fallencia do primeiro caminho. A experiencia italiana já demonstrou que com o fascismo a situação da pequena burguezia peora cada vez mais, tornando-se esta sub-classe um simples joguete nas mãos da grande burguezia. A experiencia brasileira de 1917 a 1920 e de 1922 a 1925 ha de ter demonstrado a toda pessoa sensata que o terrorismo individual é a tactica das derrotas, é a origem da reacção brutal que difficulta todo trabalho serio de organização.

Assim, a pequena burguezia nacional — sub classe amorpha, confusa, chaotica — só tem um caminho: o caminho do marxismo, o caminho do proletariado. Ajudar a burguezia ou ajudar o proletariado, isto é augmentar sua escravidão ou preparar as bases de uma sociedade que dará a cada productor a parte que suas necessidades exigem — tal é o dilemma que a historia impoz á pequena burguezia nacional e internacional.

Este auxilio da pequena burguezia ao proletariado tem de [se]r, acima de tudo, economico, porque o proletariado e especialmente a sua vanguarda — o partido operario — co[mpr]ehendo a fundo as illusões e osc[illa]ções da pequena burguezia, repellem toda e qualquer influencia da politica e da ideologia pequeno-burgueza.

Assim, os pequenos proprietarios dos campos e das cidades só têm um caminho: ajudar economicamente, [illegible] a libertação do pro[letariado].

[illegible] burguezes do Brasil, tomareis [es]te caminho? Se o não seguirdes, tanto peor para vós!

O auxilio mensal á "A Classe Operaria"

Com a presença do nosso representante, a União dos Empregados em Padarias, num gesto que demonstra o grão de comprehensão dos seus deveres, reaffirmou, em assembléa realizada na terça-feira desta semana, a approvação de 50$ mensaes para auxilio á CLASSE OPERARIA. Que este gesto de solidariedade seja seguido pelas demais associações de trabalhadores do Brasil.

Salvé a União dos Empregados em Padarias — gloriosa vanguarda dos panificadores do Brasil!

DENTRO DA BRAHMA

Trabalhamos na Companhia Cervejaria Brahma. Não temos uma estatistica mas calculamos que somos mais de 1.000. Ha varias secções entre as quaes a carpintaria, a exportação e a mina.

Nesta ultima é onde se faz a cerveja. Mina? Sim! A Brahma é uma mina para os patrões e é uma desgraça para nós.

Entramos ás 7. Larg[amos] ás 11. Entramos novamente ao meio dia. Saimos ás 17. São, po[rtanto], 9 horas de trabalho. [illegible] concede [illegible]

Na mina é [illegible] carrancismo: os enca[rregados] dão empurrões nos meninos.

Muitas vezes não ha trabalho e ficamos parados 3 e 4 dias sem ganhar coisa alguma.

Isto succede particularmente no tempo frio.

Na exportação os encarregados tambem dão empurrões.

Não podemos alimentar-nos direito: almoçamos, num botequim, peixe com pedaços de carne. Não temos talheres.

Quando estamos doentes, nenhum auxilio recebemos. Quando temos de sair, passamos um a um por uma porta que mais parece uma porta de prisão. Com effeito: a Brahma é uma prisão. Prisão onde deixamos a liberdade, o trabalho e a saude.

A casa teve um gerente que dava pancada nos meninos. Era malquisto. Partiu para a Allemanha. Seu nome era Bauer mas era conhecido pelo nome de Caixa Dóque.

Caixa Dóque tratava o Brasil como uma colonia allemã.

Ora, bem sabemos que ganhamos pouco e trabalhamos muito porque não temos uma associação. Por isto, vamos organizar um syndicato nosso e, para isto, convidamos todos os trabalhadores em fabricas e depositos de bebidas. — Os operarios da Brahma.

Companhia Cervejaria Hanseatica

Na fabrica dessa companhia, á rua José Hygino 115, um operario do frigorifico ganha 3$500. A companhia diz que nos dá chopp; mas, na realidade, o que ella nos dá é a lavagem dos toneis — uma barrela de chopp.

Entre nós ha muitos operarios portuguezes. Como na Souza Cruz e na ilha do Vianna, elles se sujeitam a salarios inferiores. Chamamos a attenção desses companheiros para que, unidos aos operarios brasileiros, defendamos todos juntos os nossos interesses. — Os operarios da Companhia Cervejaria Hanseatica.

Mais um esforço!

Em vista da larga acceitação da A CLASSE OPERARIA pelas vastas massas trabalhadoras, resolvêmos tirar 9.500 exemplares do numero 9. Vamos, pois, preparar a base para os 10 mil exemplares — numero insignificante para os 10 milhões de trabalhadores do Brasil.

O numero actual foi feito especialmente para as largas massas.

Companheiros! Que nenhum exemplar seja devolvido!

130 mil tecelões, 80 mil ferroviarios, 50 mil maritimos, 30 mil sapateiros, 15 mil metallurgicos, esgotemos o n. 9 do nosso jornal!

Pelos operarios da Botafogo

Os operarios da capital, de São Felix, Cachoeira e Muritiba, votaram uma moção de solidariedade aos grevistas da fabrica Botafogo.

Tramway, Light and Power

Bond, luz e força...

Bond? Sim. Força? Sim. Luz? Não!

A Light não é a luz. E' a treva...

E' a noite do imperialismo inglez — o imperialismo da alta finança — a estender seu manto por sobre o territorio nacional...

Os companheiros da secção de turma de linha, quando trabalham, ganham [illegible] Os da secção de cabos telephonicos subterraneos recebem o mesmo salario; soffrem muito, dentro das caixas telephonicas subterraneas. Um 1º ajudante do encarregado da conservação interna dos telephones das estações ganha 275$. O 2º ajudante, a mesma quantia. O 3º, 250$000. Na estação Norte ha apenas cinco ajudantes. Na estação Beira-Mar, ha tres. Na estação Villa, quatro. Na estação Central, quatro. O trabalho é demasiado. Ha ajudantes da conservação externa das mesas telephonicas que recebem 250$, 200$ e até 180$. Para todo o Rio de Janeiro, só existem seis ajudantes. Os escripturarios menores ganham 250$. E os "boys" — verdadeiras crianças — 60$000 a secco! São talvez os mais explorados.

Pobres meninos! Que futuro vos espera?

Dentro da Companhia existe uma organização especial para vigiar os operarios e os empregados em geral. Estes são denunciados por qualquer coisa. Isto prova que a Light é um Estado dentro do Estado. Quer dizer: em seus dominios, a Constituição brasileira não vigora; quem manda ali é o imperialismo inglez — o maior credor do Brasil.

A companhia tem uma associação. Os operarios têm de pertencer á mesma. A associação é patronal. Desconhecemos seus directores e até a séde. Della, só conhecemos a joia, a mensalidade e os postos medicos, onde nos receitam remedios da peor qualidade e por um preço demasiado.

NOSSAS REIVINDICAÇÕES

São innumeras. Mas, por hoje, citamos apenas duas: augmento dos salarios e direito de livre associação.

Baseados no direito proletario e em um direito que a propria Constituição burgueza do Brasil nos concede, porfiaremos até que possamos ter uma associação livremente nossa. — **Os operarios e empregados pobres da Light.**

Na Ferro Carril Carioca

Santa Thereza está cheia de casas pobres. Mettido em verdadeiras cabeças de porco, ha um exercito de proletarios. Todos elles sobem as varias ladeiras a pé. A Cia. Ferro Carril Carioca não tem bonds "caradura". E' uma companhia que serve exclusivamente os ricos. Exige $300 por uma viagem que é a metade da Lapa á praça da Bandeira. Os carros são uns calhambeques. E os operarios? Ganham uma miseria: um guarda-freios, 5$500 e um motorista, 7$800.

Que exploração!

Os operarios da F. C. C.

Não é partido operario!

O Sr. João Lisbôa, pelas columnas de "Vanguarda", procurou defender o partido socialista. Fel-o, porém, em termos que condemnam a ambos. Declarou textualmente que o P. S. B. "não se apresentou como partido operario". Preciosa declaração! Não sendo partido operario, que será elle? Partido pequeno burguez que, mais cedo ou mais tarde, servirá directamente os interesses da grande burguezia. Fatalmente. Prova-o toda a experiencia do proletariado mundial.

Quanto a nós, não temos duvida em declarar mais uma vez: formamos um partido unico e exclusivamente operario.

AMERICA FABRIL

A America Fabril foi organizada em 1885, já no fim do imperio, quando a burguezia industrial aspirava substituir o dominio dos senhores de escravos pela sua supremacia. Aspiração prematura pois, ainda hoje, a burguezia industrial não conseguiu transformal-a em realidade.

Tinha, então, a America Fabril 400 contos. Trinta e cinco annos depois, em 1925, a America Fabril possue cinco fabricas: Cruzeiro, Bomfim, Mavilis, Carioca e Pão Grande. E seu capital attinge á quantia de 33 mil contos, emquanto suas reservas montam a 45 mil contos.

— De onde saiu tão grande quantia?

— Acima de tudo, saiu do nosso esforço, dos milhares de companheiros doentes, tuberculosos, victimados pelo trabalho em 35 annos de miserias e soffrimentos!

Ora, é natural que a America Fabril receie o despertar de seus escravos Bem sabe ella que, com esse despertar, seus lucros diminuiriam. Não poderia accumular tão grande capital no espaço de 35 annos. Assim, tendo um dos nossos companheiros vendido A CLASSE OPERARIA numa de suas fabricas, o encarregado da secção metallurgica chamou a attenção delle para que não o fizesse mais

Perguntamos aos patrões se acaso não temos o direito de ler o que bem nos parece. Perguntamos se é prohibido ler o unico jornal da classe operaria do paiz. E' curioso: quando entramos na fabrica com qualquer jornal burguez, os encarregados nada nos dizem. Não succede o mesmo quando entramos com A CLASSE OPERARIA. Não está bem assim, Srs. encarregados! Vós vos julgaes no direito de ler e propagar o que bem entendeis. Nós nos julgamos com direito igual. — **Os operarios e as operarias da America Fabril.**

O IMPERIALISMO INGLEZ NO BRASIL

Os imperialistas americanos julgam que o Brasil é uma especie de Philippinas.

E os imperialistas inglezes julgam que o Brasil é uma especie de India. Tratam-nos como colonias.

A S. Paulo Railway, ingleza, não admitte que seus operarios façam gréve.

A Light, ingleza, não admitte sequer a organização de seus operarios.

E, agora mesmo, o director da Fabrica Botafogo, Sr. Percy, acaba, mais uma vez, de demonstrar seu espirito de barão feudal. Emquanto isto, o gerente da mesma fabrica, que veiu do Cotonificio Rodolpho Crespi, diz que nunca perdera gréve alguma, o que quer dizer nunca fez a menor justiça aos operarios, esmagando-os, pisando-os, triturando-os.

Enganae-vos, Srs. agentes do imperialismo inglez — alliados do capitalismo nacional! O Brasil não é presa facil para os vossos dentes.

Nós, operarios nacionaes e internacionaes, não somos vossos escravos e defenderemos, dentro da ordem e da lei... proletaria, os nossos direitos. — **Os operarios da Fabrica Botafogo.**

BANGU'

Em Bangú ha cerca de 3.500 operarios. Na fiação, um menino ganha 1$500. Os diaristas das cardas ganham $946 por hora. Trabalhamos 9 horas e 6 minutos. Quando não fazemos serão, somos suspensos por 8 dias. Não estamos satisfeitos com tanta exploração. — **Os operarios da Cia. Progresso Industrial.**

EM DEODORO

Começamos ás 6,50. Largamos ás 11. Pegamos ao meio dia. Largamos ás 16 1|2. Trabalhamos aos sabbados até ás 11 1|2. O salario dos diaristas varia entre 5$200 e 7$. O salario dos empreiteiros varia entre 8$ e 9$. Uma fiadeira ganha 3$500. E um menino da fiação, 1$500. Somos uns 2.500 operarios. A exploração é demasiada. Desejamos que A CLASSE OPERARIA nos defenda. — **Os operarios de Deodoro.**

Coelho e Bordallo

Nas fabricas de calçado do Rio de Janeiro ha uma grande quantidade de menores submettidos a um trabalho exhaustivo. Precisamos velar por essas crianças, entregues ao léo da vida.

NA FABRICA DE CALÇADOS COELHO

Nós, pequenos operarios da fabrica de calçados Coelho, á rua da Constituição, vimos reclamar os nossos direitos. Entramos ás 7. Largamos ás 10. Entramos novamente ás 11. Largamos ás 16 1|2. Aos sabbados, largamos ás 13.15. Trabalhamos semanalmente 48 horas. Ha companheirinhos do pesponto com 16 annos, que ganham 3$500. Outros, com 14 annos, ganham 2$. Outros, com 13 annos, ganham 2$. Morámos longe, em São Christovão, Quintino e até em Cavalcanti, na Linha Auxiliar.

Queremos ganhar mais 1$ e trabalhar sómente 42 horas semanaes. Somos menores: não podemos trabalhar as mesmas horas que um homem — **Os pequenos operarios da fabrica de calçados Coelho.**

NA FABRICA COOK

Os operarios da fabrica Cook, dos Srs. Bordallo, á rua José Mauricio, entram ás 7 horas e largam ás 10. Pegam ás 11 menos 15 e largam ás 16. Entre 13 e 13.15, ha o café. Existem companheiros que trabalham ha 2 annos na montagem e ganham 5$, morando em Quintino. Ha outros que trabalham ha 3 annos no acabado e ganham 9$, morando na Penha. Ha meninos de 15 annos, com 3 1|2 annos na fabrica que, no acabado, ganham 4$, morando em Ramos. Ha, na montagem, meninos de 14 annos, que só ganham 4$, apesar de estar ha 2 1|2 annos na casa, morando na Penha. Outros meninos, com 14 annos, morando no Encantado, trabalhando na montagem ha 6 mezes, ganham 3 mil réis.

Todos nós queremos augmento — **Os operarios da fabrica Cook**

O DESPERTAR DOS MARITIMOS

Antes de 1904 não estavamos organizados. Quer dizer: os patrões não nos tratavam com a devida consideração. Não tinhamos mesas para refeições; nem talheres; nem colxões nas camas. Até alta madrugada ficavamos nos trapiches com os botes á vontade dos commandantes. Faziamos as descargas além dos nossos mistéres. Cansados de tanto soffrimento, fundámos o syndicato. Tudo isto desappareceu!

Com a greve perdida, os armadores tiraram os direitos conquistados. Tratemos, agora, de reconquistal-os por meio de uma ampla lucta de classes que abarque todos os maritimos — apoiados, dynamica, economica e moralmente, pela massa dos companheiros da carga e descarga, pelos ferroviarios, pelos tecelões, metallurgicos, trabalhadores dos campos — em resumo, por todo o proletariado industrial e agricola.

Na America do Norte, duas vezes os maritimos perderam a greve; mas não perderam as regalias. Aqui foi o contrario. Isto mostra a fraqueza da nossa organização. Consequencia tactica: não devemos entrar em lucta sem uma organização solida; não devemos fazer movimentos parciaes; devemos estudar a situação dos patrões no momento em que pretendermos iniciar a nossa offensiva.

O NOSSO MARTYRIO

A Companhia Lloyd Nacional tirou por completo os extraordinarios. Agora adoptou um systema de "tapear": dá, como extra, uma gratificação... para inglez ver.

Na Commercio e Navegação o trabalho é demasiado.

Nos tres vapores de Prates & C., ha as 8 horas. Mas não succede o mesmo no vapor "Icarahy" devido ao commandante. Essa empreza só paga o serviço da estiva quando os navios fazem escala pelos portos de Itapemirim, Piuma, Benevente e Guarapary. No "Sumaré" e no "Ipanema", quem faz a descarga, é a guarnição, por falta de estivadores. As refeições nestes dois navios é escassa e pessima.

No "Erba", cargueiro que viaja entre o Rio e Santa Catharina, a guarnição quasi morre de fome. Trabalha, aos domingos, até 10 do dia e 2 da tarde. A baldeação principia ás 5 e 6 da manhã. Ha serviços que terminam ás 5 da tarde e não são pagos como extraordinarios.

O "Santa Cruz", que reboca as chatas de uma empreza norueguesa, pagava extraordinario. O commandante acabou com esse direito. Dizem que, depois disto, elle foi augmentado em 200$. Quatro mezes atraz, elle desembarcou todos os marinheiros, que se alimentavam ha 4 dias com arroz e carne secca.

A SOLUÇÃO

E' a mesma já apontada: organização. Organização dupla: economica no syndicato e politica no partido. Centralização e disciplinamento das massas.

Fusão de todos os pequenos syndicatos em um syndicato unico — a União dos Trabalhadores do Mar!

Martellaremos esta palavra de combate até que a massa dos trabalhadores do mar acompanhe a sua vanguarda luctadora. — **Os maritimos do Rio de Janeiro.**

PELOS CAFÉS E RESTAURANTES

No numero 8 da A CLASSE OPERARIA contámos a nossa vida nas cozinhas dos tres mastodontes. Agora os leitores operarios vão percorrer comnosco varias casas.

ROTISSERIE PROGRESSO

Fica no largo de São Francisco numero 44. Os empregados reclamam tudo: falta de luz e ar, falta de hygiene, falta de cafeteria, falta de pias para louça, falta de local para areiar os talheres, falta de logar para mudar a roupa... A cozinha é pequena. O w. c. é apertadinho. Eis ahi o que vale o progresso da Progresso.

Os companheiros dessa casa reclamam melhores salarios, menos horas de trabalho e mais hygiene.

RESTAURANTE AMERICA

Fica na rua de São Pedro n. 40. Faltam: ar, hygiene, cafeteria, pias para os pratos, mesa para limpar os talheres. Cozinha abafada. O primeiro ajudante ganha 300$000. O segundo, 190$000. O magarefe, ... 130$000. O lavador de pratos, ... 100$000. O limpador dos talheres, 80$000.

Reclamações: as mesmas dos companheiros da Rotisserie Progresso.

CASCATA

Esse café e restaurante fica na rua do Ouvidor n. 68. A cozinha é pequena, sem luz nem ar. O w. c. fica ao lado da cozinha; é demasiado pequeno e sujo por falta d'agua. Um dos vasos está quebrado.

Ha algum tempo, quando chovia, caia agua sobre os cozinheiros e chegava até a apagar o fogão. A tragedia não era maior porque a chuva era camarada: calculava a hora em que não havia serviço e zás! rolava a cachoeira.

O ladrilho está deteriorado pelo uso e a cozinha precisa ser pintada.

Foi diminuido um companheiro na cozinha, acarretando, para brev um augmento de serviço.

ULRICHS

Nesse restaurante, á rua 7 de Setembro n. 41, a cozinha tem dois metros de comprimento para 1.20 de largura. Não tem pias nem local para areiar os talheres. Comporta 4 companheiros — mettidos uns por cima dos outros.

O w. c. é pegado á cozinha; serve de cabine para os empregados mudarem a roupa. A copa é humida e pequena.

E' geral o deposito de lixo dentro da cozinha, pegado, muitas vezes, ao fogão.

A SOLUÇÃO

Ora, succede tudo isto porque não estamos bem organizados. Tivessemos, dentro do Centro Cosmopolita, mais da metade dos empregados em hoteis, restaurantes e similares, e outro gallo cantaria.

Assim, a palavra de ordem immediata é a seguinte:

— Para dentro do Centro Cosmopolita, milhares de empregados nos hoteis, restaurantes, cafés e similares! — [illegible] garçons e **cozinheiros do Rio de Janeiro**

MUTILADO

Os capitalistas não têm patria! E os operarios?

Pela segunda vez, nós, operarios internacionalistas, nos dirigimos a vós, operarios patriotas. Queremos esclarecer o mal entendido existente.

Vós, operarios patriotas, desejaes o engrandecimento do Brasil. Tambem nós desejamos. Apenas, não queremos o engrandecimento dos exploradores do Brasil, e sim o vosso e o nosso engrandecimento, o engrandecimento dos trabalhadores do Brasil. Não queremos o engrandecimento do Brasil á custa do sacrificio da classe que representa o futuro do Brasil — a classe operaria; mesmo porque tal engrandecimento não seria possivel assim. Não queremos tambem o engrandecimento do Brasil á custa do sacrificio da classe operaria de qualquer outro paiz; mesmo porque tal engrandecimento nos prejudicaria, mesmo porque tal engrandecimento só viria beneficiar os vossos e nossos exploradores.

Sois inimigos dos exploradores estrangeiros como a Light e a Leopoldina, inglezas, e o City Bank, norte-americano. Tambem nós somos, como vós, inimigos dessa gente. Mas tambem deveis, como nós, ser inimigos de todos os exploradores, a começar pelos exploradores brasileiros, tanto mais quanto estes ultimos são socios dos exploradores estrangeiros.

A Companhia Cervejaria Brahma, por exemplo, pertence a exploradores brasileiros que se associaram a exploradores portuguezes, americanos e inglezes, para melhor explorar-vos e explorar-nos.

A Light, ingleza, está cheia de exploradores brasileiros que ajudam os exploradores estrangeiros a sugar seus "patricios". Os politicos brasileiros são socios, advogados, representantes de bancos, e de companhias estrangeiras. Acompanhai a lista dos contratos registrados nas Juntas Commerciaes e vereis que, diariamente, os exploradores brasileiros se unem, contra vós e contra nós, aos exploradores estrangeiros (portuguezes, hespanhóes, italianos, syrios, inglezes, allemães, etc.) Vereis que o capital não tem patria, que os burguezes traficam, com todo mundo. Abri os olhos, companheiros, porque estaes servindo o jogo dos vossos e nossos exploradores. Sois contra os exploradores estrangeiros e, no emtanto, nada dizeis contra os exploradores brasileiros. Onde está a vossa logica? Os exploradores brasileiros não são melhores nem peores que os exploradores estrangeiros: são a mesma coisa.

Pretendeis combater os exploradores estrangeiros. Muito bem. Mas não podereis fazer isto sem, ao mesmo tempo, combater os exploradores brasileiros. Por que? Porque estes ultimos são socios e agentes dos outros.

Não podereis combater Rotschild sem combater os politicos brasileiros, os Sampaio Vidal, os Cincinato Braga e tantos outros "patriotas" e representantes da politica economica de Rotschild no Brasil.

Não podereis combater o Banco Nacional Agricola de Lisboa, sem combater o seu representante, o ex-deputado "patriota" Andrade Bezerra.

Não podereis combater a totalidade dos bancos e das companhias estrangeiras sem combater seus agentes, seus representantes, e até seus advogados, como Herbert Moses, Assis Chateaubriand e centenas de outros brasileiros e "patriotas".

Dizeis que tendes uma patria. E nós vos dizemos que ainda não tendes uma patria. A patria brasileira será vossa e será nossa quando fôrdes e fôrmos os donos do Brasil, quando o Brasil fôr vosso e fôr nosso, quando o governo fôr proletario, quando o proletariado tiver o poder nas mãos. Hoje, a patria brasileira é burgueza, está nas mãos do burguez, está nas mãos dos nossos exploradores. Portanto, a patria brasileira ainda não é vossa nem é nossa.

Vós fazeis muita questão de ser brasileiros. Tendes horror ao estrangeiro. Mas, estrangeiros sois todos vós e somos todos nós. De quem descendeis? De portuguezes — estrangeiros. De negros africanos — estrangeiros. De indios tupys — estrangeiros, invasores, expulsores dos tapuyas. E os tapuyas? Tambem, eram estrangeiros! Vossas idéas, começando pela propria idéa patriotica são estrangeiras, copiadas de outros paizes. As machinas para o fabrico de vossos objectos de utilidade são estrangeiras. Muitos desses objectos são estrangeiros. Estrangeiros são os livros e os apparelhos scientificos, os navios de guerra como o "São Paulo" e o "Minas"! oh! patriotismo!!!) os trilhos das estradas de ferro, os bondes, os automoveis, e tudo o mais. Por que então esse odio a tudo quanto é estrangeiro? Vós proprios não podeis passar sem certos objectos vindos do estrangeiro. Fechai os portos do Brasil durante 20 annos e vereis o resultado: o Brasil terá voltado ao periodo puramente colonial!

A historia do Brasil está cheia de estrangeiros que prestaram serviços de valor: os negros dos Palmares eram em grande parte africanos. Dentre os revoltosos de 1824, Rodgers era norte-americano; Metrowich era genovez, e Radclif, portuguez de nascimento, todos supplicados pelos seus ideaes. Markgraf e Martius, allemães, foram grandes estudiosos dos vegetaes do Brasil. Lund, dinamarquez, dos fosseis; Hart, Braner, Orville Derby, norte-americanos, da geologia e da geographia. O estrangeiro em si, como tudo no mundo, não é bom nem é mão. A coisa em si não tem sentido; não é coisa alguma. Sem saber, copiaes Kant, o hypocrita.

Vossa visão, companheiros, é estreita. No brasileiro, só vêdes o brasileiro. o brasileiro em si; não vêdes que o brasileiro tanto póde ser explorador como explorado e, portanto, a vossa attitude não póde ser a mesma.

No estrangeiro, só vêdes o explorador; não vêdes, o explorado que, comvosco, compartilha o mesmo pão amargo; não vêdes os milhões de trabalhadores dos outros paizes que são, como vós, sugados, aqui ou ali, pelos exploradores de todos os paizes.

Desfazendo o malentendido acima; comprehendendo que o capital não tem patria; comprehendendo que a libertação dos trabalhadores do Brasil depende da libertação dos trabalhadores de todos os paizes; comprehendendo que a burguezia préga o patriotismo ás massas operarias exactamente para dividil-as e assim dominal-as e escravizal-as; comprehendendo tudo isto — vós, operarios patriotas, vós companheiros, tereis logicamente de bradar comnosco:

— Contra os exploradores nacionaes e estrangeiros! Contra a burguezia brasileira, alliada da burguezia estrangeira! Contra os que procuram dividir o proletariado para melhor escravizal-o! Contra os exploradores, descendentes de exploradores! Contra os perseguidores de hoje, descendentes de monarchistas, de capitães do Matto, de caçadores de negros e de indios!

Vivam os trabalhadores nacionaes e internacionaes do Brasil! Viva a união dos trabalhadores brasileiros com os trabalhadores internacionaes, contra os exploradores brasileiros e estrangeiros! Vivam os trabalhadores, descendentes de trabalhadores! Vivam os combatentes de hoje, descendentes dos luctadores do passado, dos companheiros de Caneca e Domingos José Martins! Viva a união compacta de quaesquer trabalhadores do Brasil! Viva o bloco unico, o monolitho de aço de todos os trabalhadores da America, da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania!

Os operarios internacionalistas do Rio de Janeiro e de S. Paulo.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Districto Federal

NOS CARROS-RESTAURANTES DA E. F. C. B.

Ha seis carros para quatro trens rapidos: o R P 1 e o R P 2 (rapidos paulistas), o R 1 e o R 2 (rapidos mineiros). Muitas vezes o pessoal do carro que devia servir o R 1, devido á qualquer avaria que não póde ser reparada logo, tem de dobrar o serviço. E' tradicional até o telegramma que o gerente do carro recebe em Barra do Pirahy: "Carro e pessoal dobra R 1". Muitas vezes largamos o trabalho no Rio, ás 23 horas, e estamos de volta ás 5 horas. Em Bello Horizonte, largamos ás 22 horas e recomeçamos o trabalho ás 4.15 da manhã, O trem parte de Bello Horizonte ás 5,20 e chega á Central ás 23.10 horas. Pois nós, "garçons", cozinheiros, ajudantes de cozinha e copa ainda estamos sujeitos a dobrar o serviço. Os engenheiros, quando têm de fazer alguma inspecção não dispensam o carro-restaurante. Succede o mesmo quando algum deputado ou senador vai visitar algum amigo nas fazendas. Das estações de aguas até Cruzeiro o empregado chega em um estado deploravel. Partindo o trem de Cruzeiro para Cachoeira, o empregado tem de varrer o carro antes da almoçar. Muitas vezes, vai almoçar em Pinda ou Taubaté.

Trabalhando tanto, ganharemos bastante? Absolutamente. Os "garçons" ganham 4 °|° das suas férias brutas. Isto regula mensalmente, 80$, 100$, e 120$000.

Sujamos muita roupa. Cada viagem é uma calça para o tintureiro. Sujamos dois collarinhos diarios. Sômos obrigados a trajar com todo o rigor. A fiscalização é severa. Todos os dias nos barbeamos. O mais doloroso, porém, é servirmos café a um passageiro no ultimo carro da composição e quando vamos com a bandeja, ha uma curva na estrada e zás! a louça despedaça-se: temos de trabalhar dois mezes para pagar a louça de luxo, os 90$ do bulo, os 85$ do assucareiro e os 24$ das 12 canequinhas.

Não podemos continuar assim, sem o menor direito. Precisamos de um jornal que nos defenda. Seja "A CLASSE OPERARIA" o nosso apoio. — **Os empregados dos carros-restaurantes da E. E. C. B.**

NO HOTEL GLORIA

Os companheiros do Hotel Gloria não devem permittir que o trabalho extra seja feito pelos empregados da casa emquanto outros companheiros nossos andam desempregados a passar privações.

Iniciemos, desde já, uma campanha systematica contra as irregularidades verificadas nos grandes hoteis, onde se commettem as maiores arbitrariedades, exactamente por não serem associados muitos dos companheiros nelles empregados. — **Alex.**

S. Paulo

ACCIDENTES

Constantemente se dão na capital os accidentes mais dolorosos. Ainda agora ha o caso do menino André Pollim — uma pobre criança de 13 annos de idade, — que, na fabrica de chocolate de **M. Munhoz & C.**, apanhado pela correia de uma machina, ficou sem um braço.

Na fabrica os operarios não têm a menor garantia. As crianças fazem trabalhos de homens. As mulheres... pobres operarias de S. Paulo! — **A correspondente.**

Estado do Rio

NA E. F. RIO D'OURO

Os carros são escuros e immundos. Ha quatro guardas das travessias que ganham 5$; pegam ás 6 e largam ás [illegible] horas. Os outros guardas ganham 3$500; pegam ás 6 e largam ás 18 horas. Porque isto? Não temos hora para as refeições. E os pagamentos se atrazam 25 dias — **Os guardas das travessias da E. F. Rio d'Ouro.**

PARAHYBA DO SUL

Aqui ha uma fabrica de ceramica, uma de renda, e algumas de calçado com 15 e 20 operarios. Mas a empreza maior é a Salutaris. Nós, seus operarios, não estando mais dispostos a viver como temos vivido, vimos reclamar os nossos direitos. Ha companheiros que, com 16 annos de casa, ganham 6$500, sendo responsaveis pelo movimento das machinas. Outros com tres e mais annos de casa ganham 5$500, 4$500, 3$500 e até 3$. Ha 10 menores de 14 annos que ganham 2$500. Os serões são de tres horas diarias. O horario commum vai das 6 1|2 ás 17 horas. Temos uma hora para as refeições e 15 minutos para o café. Os companheiros de pá e picareta, que concertam as estradas da empreza, ganham 4$500. Os carreiros (dos carros de bois) quando fazem abaixo assignado para augmento, passam a ganhar mais $200 e $400.

Nossas aspirações economicas: augmento de salario e menos horas de trabalho. Nossas aspirações politicas: direito de livre associação no syndicato; direito de lermos e propagarmos o nosso jornal — dentro da empreza.

Convidamos todos os operarios de Parahyba do Sul, para fundar uma associação — a União dos Trabalhadores de Parahyba do Sul. Com ella, conquistaremos os direitos que nos são negados. — **Os operarios da empreza Salutaris.**

Bahia

EM S. FELIX

O burguez J. A. Jonas ficou raivoso com o n. 5 do nosso jornal. Fez um berreiro damnado e allegou que não ajudaria mais os operarios. Ora, Sr. Jonas — lobo capitalista — não queira "bancar" de cordeiro! Tudo quanto derdes aos operarios não é mais do que a restituição de uma parte insignificante do dinheiro que nos arrancaes. — **Os operarios de S. Felix.**

EM MURITIBA

O nosso jornal tem causado no seio das massas uma impressão enorme, porque não existia um jornal exclusivamente dirigido por trabalhadores. Desejavamos ter tempo para descrever o que sentimos; mas, o trabalho nos rouba o tempo.

A maioria dos operarios não sabe ler. Nas fabricas a maioria é de mulheres e crianças. Convidamos as moças operarias a vir á associação. Ellas não vêm porque se o patrão souber serão despedidas. Em outro numero falaremos sobre a greve de 1920. E aqui continuamos firmes, unidos em um só bloco ao lado dos companheiros de S. Felix, Cachoeira, e da capital, trabalhando e combatendo sob a bandeira da "A CLASSE OPERARIA"— **Os operarios de Muritiba.**

Espirito Santo

EM JUCUTUQUARA

Os operarios e as operarias da fabrica de tecidos de Jucutuquara, em Victoria, appellam para o primeiro e unico orgão da classe operaria do paiz.

Trabalhamos das 7 ás 17 horas, tendo uma hora para almoço. Quer dizer: trabalhamos nove horas. E' assim que os patrões cumprem sua lei — a lei que estabeleceu o dia de oito horas Na fiação, o trabalho nocturno é diario, mesmo para crianças de nove a 11 annos de idade, como a pequena operaria Rita Santos que dirige dois possantes teares e recebe por metragem 50 réis.

Uma tecelã de tear xadrez recebe 65 réis por metro. Uma ajudante de flandeira ganha 1$500 diarios. Menores de 12 annos, trabalhando no serviço de licador, ganham 130 réis por hora. A flandeira ganha 3$500. O pessoal que trabalha nas cardas e batedores ganha $700 por hora.

Pagamos 40$ de aluguel e 10$ de luz.

Isto assim vai mal. Queremos augmento de salario e oito horas de trabalho, como a lei decreta. Queremos o direito de ter uma associação. Queremos ler e propagar o nosso jornal — dentro da fabrica — **Os operarios e as operarias da fabrica de tecidos de Jucutuquara.**

INTERMEDIO

Antes de proseguir nas considerações que ainda pretendemos fazer acerca do partido socialista, recentemente fundado, e seu programma, queremos por hoje deixar aqui alguns esclarecimentos necessarios.

1. Conhecemos bem e até mantemos optimas e muito prezadas relações de amizade pessoal com mais de um dos fundadores do P. S. B. Mas isso não impede que, objectivamente collocados em terrenos politicos divergentes, a elles combatamos combatendo o partido de que são componentes. Amigos, amigos; politica á parte.

2. Os termos: "pequena-burguezia" e "pequeno-burguez" nada têm de offensivos. São termos de classificação puramente scientifica de uma determinada categoria social. A "pequena burguezia" é uma classe intermediaria entre a burguezia e o proletariado, e compõe-se de uma vasta camada social: pequenos commerciantes, intellectuaes, aristocracia operaria, profissões chamadas liberaes, etc., etc. E' uma classe por natureza fluctuante, indecisa, meio-termo, agua morna. Na economia, como na politica. O P. S. B., fundado e dirigido por elementos dessa categoria social, não podia deixar de ser o que é realmente: um partido da pequena burguezia, e seu "manifesto-programma" caracteriza ás mil maravilhas a mentalidade retintamente pequeno-burgueza de seus autores. E' tudo isto precisamente que pretendemos mostrar, nestas notas, concluindo, muito logicamente, que não póde ser esse o partido do proletariado. De resto, o partido proletario já existia e existe, e delle é este periodico o orgão central.

3. Não duvidamos de que haja, entre os membros do P. S. B., elementos sinceramente desejosos de servir ao proletariado. Mas isto é uma questão toda subjectiva. Objectivamente, pois que membros de um partido para-choques ao serviço da burguezia, elles só poderão desempenhar um papel super-nocivo á causa verdadeiramente proletaria. Acreditamos ainda que alguns desses elementos, hoje de boa fé e illudidos, acabem comprehendendo sua situação dubia e rompam com a politica pequeno-burgueza collocando-se ao lado, definitivamente, da politica proletaria — por consequencia, fóra e contra o P. S. B.

4. Partido cuja politica tende ao falseamento, á contravenção, á diluição da politica proletaria de classe, claro é que o P. S. B. só poderá realizar uma obra damnosa para o proletariado. Elle é um alçapão, um desvio, uma picada, que só levam á confusão e á mystificação. O caminho da emancipação proletaria, illuminado pela potente luz do marxismo, é um só e unico, em todo o mundo. Fóra delle — é o caso dos partidos socialistas da II Internacional dos Macdonald, Scheidemann, Vandervelde & Cia., corrente a que se filia o P. S. B. — é caminhar com a falsa lanterna socialista, para a traição pura e simples. Os exemplos são numerosissimos e universaes. — JULIO BARTALINE.

O sacrificio dos graphicos

A morte repentina, a 19 de junho, num posto da Assistencia, do companheiro João da Cruz Machado, deve servir-nos de lição.

Machado trabalhava no "Diario Official" e em "Vanguarda". Era um desses que não tinham hora para dormir, cabeceando exhaustos pelos bondes, trens e barcas. Resultado: uma hemoptyse e a morte.

Para o companheiro Machado já não mais existe remedio. Mas, para todos nós, que ainda estamos vivos, urge uma solução.

Não somos homens; somos morcegos. Quer dizer: o patronato fez de nós morcegos humanos. Como se não bastasse o serviço nocturno, na maioria trabalhamos de dia. Horario? Não existe. Salario? Não chega para o pão.

E' doloroso quando não somos effectivos, irmos todas as noites á officina e lá ouvirmos a cantilena — Não ha trabalho!

Só o serviço nocturno daria para escangalhar a saude. E o serviço diurno? Com uma vida assim, nenhum de nós chegará aos 50 annos. Machado tinha apenas 47. Vinha, todos os dias, do Encantado. Nós todos, mais ou menos, temos a mesma vida. Como acabaremos? O trabalho nocturno dos typographos torna-os myopes e anemicos. O trabalho diurno dos linotypistas esgota-os, devido á intensidade; depaupera-os devido á duração; e, depois, ha os gazes do chumbo, ha o calor da caldeira, ha a atmosphera asphyxiante das officinas. O trabalho dos stereotypistas é outra coisa dolorosa: no fundo de uma verdadeira masmorra, como a do "O Imparcial", esses companheiros luctam contra o calor bruto e o ar irrespiravel de gazes. O trabalho dos revisores é uma coisa estupida: horas a fio a ler todas as asneiras que a decadencia burgueza fabrica. No "O Imparcial", por exemplo, o local da revisão é um desvão sob um telheiro de vidro, por onde passam os raios do sol. E o barulho da machina embaixo? E os montes de lixo? E o oleo que respinga do elevador? Oh, soffrimento!

A SOLUÇÃO

Só existe uma: a organização. Uma organização forte, centralizada. Uma organização que se faça respeitar.

Assim, não nos cansaremos de combater pela organização. Queremos trabalhar menos, ganhar mais, e gozar de uma certa hygiene, no sentido amplo da palavra — **Os graphicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.**

Albert Thomas

Está para chegar sua excellencia monsieur Albert Thomas, muito digno vizinho de Turati & C., e representante da burguezia da terra de Millerand.

Sua excellencia, "perdendo-se" por estas regiões, talvez queira entoar lôas aos proletarios do Brasil, mas não terá senão ouvintes da classe que representa.

Nós conhecemol-o bem, muito bem mesmo; tão bem, que já estamos em posição de guarda, á espera da sua discurseira entremeiada de perdigotos.

Ao que corre por ahi, elle vai ter uma recepção á altura dos seus meritos essencialmente burguezes.

Lá estarão, a postos, aguardando sua excellencia, todos os inimigos do proletariado: o capitalismo, a burguezia, a pequena burguezia e o competente rebutalho.

Todos lá estarão, chapéo na mão, espinha dobrada, á espera do "homem". Depois disso, é facil prever o resto: banquetes regados a Champagne; panegyricos a "rodo", chapas photographicas e muita coisa que não vale a pena enumerar.

São esses os lacaios da burguezia, que o inolvidavel Ilitch — o nosso Lenine — apontou á execração do proletariado mundial.

Aos nossos trabalhadores compete não participar da folia que se prepara; isto seria trair os companheiros marxistas e toda a classe obreira.

Deixemos que elles se festejem... Nós preferimos ficar por cá, sem banquetes, curtindo fome e com a companhia honrada dos nossos camaradas. — **Nicolão Rocha.**

E. F. Rio d'Ouro

Os pequenos comboios que fazem as viagens entre a estação inicial e Belfort Roxo, pelo diminuto numero de carros que os compõem, difficultam bastante e prejudicam immensamente os operarios moradores nas diversas zonas servidas pela dita estrada. Ha 2 annos mais ou menos, a quasi totalidade dos passageiros viajava sentada mas, dado, naturalmente [illegible] envolvimento cre[illegible] obrigada a morar lon[illegible] em que trabalha, os trens ac[illegible]ente com 4 ou 5 carros não comportam o numero de passageiros diarios. Para confirmarmos o que acima dissemos, basta citar alguns casos recentes.

No trem de 17 horas e 23 minutos que parte da estação Francisco Sá deu-se um facto pelo qual nenhuma responsabilidade cabia aos passageiros. Sendo a composição de 2 carros de 1ª classe e 2 de 2ª, os passageiros encheram totalmente os dois carros de 2ª classe, mas, como não chegassem os dois carros, a maioria foi-se sentando num dos carros de 1ª enchendo-o totalmente. No seguimento da viagem o conductor, procedendo á cobrança dos bilhetes, verificou desde o principio do carro até o ultimo banco, que a maioria dos passageiros lhe dava bilhetes de 2ª classe. Houve protestos do conductor, mas em vista de não haver mais carros, os passageiros lançaram tambem o seu protesto, aliás com justa razão, porque nem o conductor nem os passageiros eram culpados.

Em vista do exposto, os passageiros, na sua totalidade operarios, alvitraram os seguintes melhoramentos: augmento de mais uma composição, pela manhã, para baixo, antes da actual; augmento de mais dois carros, nos trens da manhã, para baixo e nos dois da tarde para cima; evitar que os carros não tenham luz, como sempre acontece. A administração deve attender os nossos pedidos. — **Os passageiros dos trens Rio d'Ouro.**

Companhia Cantareira

Sempre que se dá algum atrazo no horario das barcas empregadas no trafego entre esta Capital e Nitheroy, ha, por parte dos passageiros, protestos perfeitamente justificados pelos prejuizos que isso lhes acarreta. E logo que o atrazo e esses protestos chegam ao conhecimento da administração, seguem-se as chamadas dos *responsaveis* ao escriptorio, com as respectivas observações, ameaças, suspensões e até demissões.

E os *responsaveis* são, quasi sempre, nesses casos, os machinistas.

No emtanto, só nós é que po[illegible] saber de sciencia propria os esfo[illegible] os sacrificios necessarios para [illegible]zer o horario e manter em func[illegible]mento as embarcações que, além [illegible] velhas, não têm nunca o material de que precisam.

Por isso, pois, tomamos a deliberação de trazer ao conhecimento de todos os camaradas que lêem o nosso jornal, pedindo-lhes que tornem publico e notorio, o seguinte:

1.° O material para lubrificação, limpeza e conservação das machinas só póde ser pedido pelos machinistas de 15 em 15 dias.

2.° Os pedidos têm que ser feitos em tres vias, para a *conveniente fiscalização*, e o material é fornecido de fórma que não haja nenhum excesso, nem mesmo para um caso de urgencia.

3.° O chefe dos machinistas não só córta o que entende nos pedidos como ainda só os despacha de 30 em 30 dias, o que nos obriga a ficar, muitas vezes, completamente desprevenidos de material.

Eis ahi um dos motivos por que se dão constantes atrazos e tambem a verdadeira razão por que já têm sido punidos innumeros companheiros. — *Os machinistas da Cantareira.*

A' vanguarda de Victoria

(ESPIRITO-SANTO)

E' um crime contra o proletariado a vanguarda scindir-se por causa d[illegible] [illegible] até [illegible]rehistorico. [illegible] questiunculas in[illegible]. Oh ! desordem capichaba ! [illegible] jornal ia admiravelmente. Fiquem, porém, sabendo que não perdoaremos áquelles que servirem de obstaculo á penetração. A unidade e a homogeneidade na acção são imprescindiveis e seremos implacaveis contra os que quebrarem a unidade. Na lucta os dois "A" estão se annullando: precisam, pelo contrario, unir-se para formar "A" elevado á segunda potencia. O preço de $100 é melhor para a divulgação. O "deficit" deve ser coberto por meio das subscripções. Praiano manda-nos um "chumaço"; não podemos publical-o: falta-nos espaço e, depois, ninguem vae duvidar de sua honestidade. Estas questiunculas nada valem. Não estamos para matar pulgas com luvas de box. Indisciplina de um lado, individualismo do outro lado: e o jornal é quem soffre. Ah ! desordem !

NOSSO CORREIO

D. Maria Ferreira — Muito bem. Enviaremos os folhetos. Trabalha em fabrica ? Poderá — querendo — prestar serviços preciosos á causa.

J. Nicodemus. Resolva definitivamente o novo endereço. Só assim attenderemos. V. continúa com o velho verbalismo. Faça artigos no genero dos sobre a Souza Cruz. Veja o que dizemos em "A propaganda" e "Aos collaboradores", no n. 8. Tratem, agora, exclusivamente dos tecelões. Não concentrem energia sobre operarios que teem possibilidades de renegar sua classe.

Elyseu. Abriremos excepção até o n. 12, inclusive. Depois deste nu[illegible] quota semanal o [illegible]s 4$ — uma insi[illegible]ara uma cidade de mi[illegible] operarios. Já invadiu as [illegible] ? e os artigos ? E a historia [illegible] denuncia ? Responda logo Não se esqueça de que cada exemplar nos custa $160. Enviámos a musica. Enviaremos os jornaes.

Paulino de Lemos. Agradecemos os 28$000.

Manoel Luiz. Agradecemos os 50$000. Não convém enviar num só pacote, porque, perdendo-se elle, vocês ficam sem o jornal. Escrevanos se concorda .Combine com os outros para os jornaes serem entregues aos assignantes. E' preciso conquistar os tecelões Tudo o mais vem em segundo logar. Tem recebido os 50 exemplares do Centro ?

Paes de Andrade. Recebeu nossa resposta ?

Mariano Vieira. Deram-nos o endereço como sendo D. Mariana e o n. 384. E' para onde temos mandado. Pedimos que nos esclareça.

Pergentino. Pedimos que nos dê as informações por escripto.

Amaro Pedro da Silva. Enviámos para ahi 50 jornaes. Não tem recebido os novos numeros ? Falámos a um amigo typographo para enviar-lhe os preços.

Nelson de Figueiredo. Sciente. Venha para cá.

Tiburtino Gonçalves. Gratos. Escreva-nos sobre a situação dos operarios dahi: numeros e factos. Depois, aproveite os artigos para fazer propaganda.

Raphael. Ainda quer os 50 exemplares do n. 7 ? A coacção sob que vivemos atraza-nos o serviço.

Arnaldo. Então a culpa é nossa ? ! Mostre a J. A. o erro em que elle labora. O livro: não sahiu. Folhetos: só com vagar .

Octacilio. Eis ahi em que deu o ronceirismo ! Os livros não foram encontrados ! Quanta desordem ! E nós é que somos as victimas maiores. E' preciso tratar dos tecelões. Ir ás fabricas ! Nada recebemos sobre os engenhos.

Praiano. Recebemos 32$000. Enviámos 150 para Noé e 490 para Karl, como v. indicou. São, ao todo, 640 que, a 50 réis, formam 32$000. Precauções: a pobreza e a coacção nos impossibilitam de tomal-as Não podemos estar mudando assim de endereços. E' preciso escolher endereços definitivos. Enviaremos 150 n. 9.

Cataldo. Vocês deviam 100 do n. 3, 200 do n. 6, 50 do n. 7 e 210 do n. 8. Total: 56$000. Recebemos 10$ de Alfredo e 18$ de você. Restam: 28$000.

José Corbino. Sabe quem deixou 12$ no Centro Cosmopolita sem explicar o destino ?

Francisco Antonio de Mello. Augmentámos a remessa mas até hoje não recebemos resposta.

Milani. Para a frente ! E os colonos ? E os ferroviarios ? Até 6$, póde enviar-nos em sellos de 50 réis.

Lopes. Sciente. E' com tristeza que, na paginação do jornal, não vemos o artigo sobre S. Paulo. E o annuncio de 50$000 ? E a carta que escrevemos a A. ? E' preciso trabalhar e muito. Para poder entregar, por exemplo, a administração amanhã ao meio dia, trabalhámos hoje, terça-feira, até 1 1|2 da madrugada... quando terminámos estas linhas.

Athayde. Aproveite [illegible] art[illegible] penetr[illegible] João [illegible] ro se[illegible] Devol[illegible] thodo.

Na fabrica de telhas de Mesquita

Somos uns 300. Trabalhamos das 7 ás 17 horas, tendo 20 minutos para tomar café e 40 para o almoço. Portanto, trabalhamos 9 horas.

O salario é de 5 a 6 mil réis para os homens de 1$200 para os meninos. Só os encarregados é que ganham 7$.

O proprietario tem um armazem onde vende os generos por preços altos. Devido ao pagamento andar sempre atrazado, somos obrigados a servir-nos do armazem. Só no dia 13 de junho é que recebemos o salario do mez de maio. No armazem só nos concedem credito quando temos dinheiro a receber, na fabrica.

Os patrões crearam uma caixa beneficente. Por causa dessa caixa, todos os mezes são descontados 3$ nos nossos salarios.

Nossas aspirações economicas: 8 horas de trabalho; augmento de 1$ para todos os operarios; salario minimo de 2$ para os meninos; pagamento quinzenal; nenhum atrazo no pagamento; direito de fazermos as compras onde bem entendermos; nenhum desconto em nossos salarios.

Nossas aspirações politicas: direito de livre associação no syndicato e no partido operario; direito de lermos e propagarmos o nosso jornal — dentro da fabrica.

Nossas aspirações intellectuaes: usofruto de uma casa para uma escola rigorosamente operaria; subvenção de 1|2 por cento dos lucros liquidos annuaes para o sustento da escola. — *Os operarios da fabrica de telhas Ludolf, em Mesquita.*

A tragedia de uma criança

Nasci em Pernambuco. Em 1912. Meu pai, pobre, doente, sem trabalho, veiu para o Rio com minha mãi e uma irmã menor. Vinhamos sem recursos. Fomos para a casa de uma parenta. Moravamos num quarto escuro na travessa do Oliveira. Meu pai, doente, foi trabalhar.

Não resistiu: morreu logo. Fraqueza total. Minha mãi, tratando delle, perdeu muitas noites. Deu para tossir. Pobre mãi! Parecia que ia botar a alma pela boca... E morreu, como meu pai — tuberculosa.

Ficámos eu e a irmã menor. Fui empregar-me como aprendiz numa fundição da rua Camerino. Minha irmã, sem mãi, maltratada pela parenta, deu para emmagrecer. E partiu, um dia, para sempre. Fiquei sózinho no mundo. E sinto o mesmo mal que perseguiu os meus. Fraco, magro, parece-me ouvir os passos da peste branca. Ella vem sorrateira, ella, a irmã gemea do capitalismo...

Eis ahi a minha tragedia anonyma. — **Lourival.**

Nos campos do Rio Grande do Norte

De todas as corporações, somos nós a mais explorada. Vivemos na maior pobreza, sem instrucção, sem alimento, sem saber o porque da vida. Com a devida permissão do proprietario da terra, construimos o nosso "mocambo" — nossa casa com paredes e cobertura de palha. O mobiliario: alguns caixões de kerozene. A cama: um "girau". Alguns prégos cravados nas paredes servem de cabide.

Os trabalhadores de alguma abastança — rendeiros — possuem rêdes em logar de "giraus".

As ferramentas são a enxada, a foice e o machado.

Ao romper da manhã, a companheira vae preparar o almoço: é um prato de "passoca" — carne socada no pilão, com farinha de mandioca ou de milho. Engulido o almoço, partimos para o roçado, levando as ferramentas, um "cabaço" com agua e um pouco de farinha com um pedaço de rapadura, para os meninos. Ahi chegados, despimo-nos da cintura para cima e começamos o trabalho bruto.

Os meninos distraem-se com espantar passarinhos. E até ás 6 horas da tarde, trabalhamos,

A' noite, fazemos um jantar ceiarado. Depois, vamos á "bodega" (armazem pequeno) fazer o supprimento do dia seguinte.

Quando ha chuva, temos, no jantar, a macacheira (aipim), a batata doce, o cará, o milho assado e o café de mangerioba (fedegoso). E quando não ha chuva? Então a nossa vida é um horror de soffrimento. Escravos do bodegueiro e do senhor das terras, quando não pagamos, os capangas deste ultimo fazem justiça summaria. Espancam-nos e tomam-nos tudo: roça, ferramentas, roupas, casa.

Trabalhadores das cidades, olhai para o nosso soffrimento. Vinde auxiliar a nossa libertação! — **A vanguarda dos trabalhadores dos campos do Rio Grande do Norte.**

Falta de perspectiva

Este jornal é como uma trincheira — a trincheira proletaria mais avançada, já ás portas do acampamento inimigo. No fundo dessa trincheira, patinando no horror social, falta-nos a perspectiva illimitada, faltam-nos os horizontes rasgados, para que possamos ver as nossas falhas.

Por isso ficaremos agradecidos a todos os companheiros que, dentro da batalha social, mas fóra da trincheira, diante dos largos horizontes, nos apontarem as falhas.

Pelos operarios da Souza Cruz

As operarias charuteiras de Muritiba, na Bahia, comovidas com a situação dos operarios e das operarias da Companhia Souza Cruz, saudam-os e concitam-os a luctar contra os exploradores.

Somos exploradas de muitas fórmas. Deixamos dois dias na casa e mais um charuto em cada cento. Se fizermos 120, deixaremos 2. Somos mais de 700. Ha dias, a casa Dannemann descontou 100 charutos de cada uma de nós. Manipulamos os charutos com uma marca e são postos ahi com outra. Até agora ignoramos por que nos foram descontados esses 100 charutos. Somos mãis, temos muitos filhos. Soffremos muito. Mas não perdemos a esperança de triumphar um dia.

Vivam os operarios e as operarias da Companhia Souza Cruz! — **As operarias charuteiras de Muritiba.**

Em Penedo (Alagôas)

Ha aqui quatro fabricas de tecidos. Somos varios milhares, dentre os quaes centenas de menores de 10 a 14 annos — de ambos os sexos.

Na tecelagem Penedense, de Peixoto & C., o trabalho vai das 5 ás 18 horas. Succede o mesmo na Fabrica de Fiação e Tecelagem de Peixoto Gonçalves & C., e na Textil de Antunes & C.

Na fabrica de Cicero Cravo & C., trabalhamos das 4 ás 20 horas. São 16 horas diarias menos o intervallo do almoço.

O contramestre ganha 4$ a 5$. Os homens ganham de 1$300 a 2$000 por dia. As tecelãs, de 9$ a 10$ semanaes. E os menores — $500 diarios!

Eis ahi a civilização alagoana no valle do rio S. Francisco!

Esperamos que **A CLASSE OPERARIA** revele aos trabalhadores do Brasil a nossa situação. — **Os operarios e as operarias das fabricas de Penedo.**

Aos companheiros de Natal

Allegais que não podeis auxiliar, no momento, o jornal de nós todos, porque pretendeis adquirir uma pequena typographia, afim de publicar um jornalzinho. Allegais que não convém editar um jornalzinho numa typographia particular porque ficareis sob a dependencia do proprietario.

Vossas allegações merecem alguns reparos.

Em primeiro logar, não é facil obter o capital para uma typographia, mesmo pequena. Em segundo, a administração da typographia sacrificará a administração do jornal. Quer dizer: nem um nem a outra vingarão.

Em terceiro, é uma tragedia fazer um jornal, mesmo pequeno, numa typographia pobre. Nisto como aliás no resto, temos uma experiencia que não podereis ter.

Em quarto, a dependencia continuará: libertai-vos, de um modo muito imperfeito, do proprietario da typographia para cair nas garras do vendedor de papel e de typos.

Em quinto, é inadmissivel sacrificar os interesses de todo o operariado do Brasil diante dos interesses exclusivos do proletariado de Natal.

Em sexto, devemos concentrar as energias sobre o principal e jámais dispersal-as, dividil-as em pequenas tentativas.

Em setimo, o que o jornal local poderá fazer, o jornal nacional fal-o-ha, mesmo ahi.

Em oitavo, os companheiros do Recife já procederam assim, liquidando "O mez operario" em proveito da "A CLASSE OPERARIA".

Em nono... A falta de espaço obriga-nos a ficar na oitava razão do vosso erro.

Esperamos, portanto, que tomeis uma nova resolução.

Os operarios em calçado e "A Classe Operaria"

Além de muitas fabricas e officinas de calçados onde o nosso jornal é lido e propagado, temos mais uma officina onde os camaradas não poupam esforços nesse sentido. Trata-se da Casa Adama. Embora existam poucos operarios nessa officina, comtudo temos o prazer de saber que uma lista de outra fabrica já correu entre esses camaradas e semanalmente são vendidos 50 exemplares da A CLASSE OPERARIA. Para a frente, camaradas. O nosso jornal só poderá ter uma vida longa se os trabalhadores em geral fizerem assim.

Os padeiros da Bahia

Nossa situação é de escravos. Os donos das padarias perseguem o syndicato; o cobrador não póde entrar nos estabelecimentos. Os companheiros mais activos não encontram trabalho. Hygiene: não ha. Um kilo de pão custa 1$600. Seis a oito trabalhadores fazem por noite 12 a 30 arrobas de pão. O forneiro ganha por semana de 35$ a 44$. Só os protegidos é que ganham 50$. O mestre masseiro ganha 33$ e 40$ semanaes. O ajudante, de 25$ a 30$. O ajudante de forneiro ganha de 18$ a 20$. Os serventes, de 15$ a 20$.

A turma do dia faz até 30 arrobas de massas. Trabalham de 5 a 9 companheiros. Nessa turma não ha forneiros. Os mestres masseiros forneiam a massa. Ganham de 30$ a 40$. Os ajudantes de 24$ a 30$. Os serventes, de 15$ a 18$.

Essa exploração precisa acabar — **Os padeiros da Bahia.**

OFFERTAS

Recebemos um exemplar do "O canto do operario", hymno dedicado á A CLASSE OPERARIA, letra do libertario Polydoro Santos e musica de João Baptista Cavalcanti.

Gratos.

O appello dos operarios textis de Alagôas

Os operarios e as operarias das fabricas de tecidos de Fernão Velho, Cachoeira, Rio Largo, Penedo, Maceió, Pilar e São Miguel appellam para o primeiro e unico orgão da classe operaria do Brasil.

Nosso trabalho tem enriquecido os patrões da noite para o dia.

A Companhia Progresso Alagoano começou com um capital de 650 contos e, em 1922, tinha já 2.550 contos. A Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos começou com 300 contos. E tinha, em 1922, dez vezes mais: tres mil contos.

Emquanto isto, continuamos a receber os mesmos 3$ de não sabemos quantos annos atraz. Só temos deveres, não temos direitos. Em 1918 e 1919 houve alguma agitação na capital. Mas a vanguarda de Maceió, ainda impregnada de uma estreiteza pequeno-burgueza, não nos procurou: não comprehendia que a força estava em nós.

Em primeiro logar, vamos constituir na capital um Blóco de Propaganda e Organização.

Este blóco creará outros pelo interior.

E assim formaremos uma rêde de malhas solidas. Não vamos precipitar-nos em movimentos. A grève tem a sua sciencia. Fazer um movimento sem preparar-se de antemão é uma loucura. O trabalho de organização deve ser lento, solido, methodico. A organização deve ser dupla: economica no syndicato e politica no partido operario. O trabalho deve ser feito com toda a habilidade, afim de evitarmos os golpes da reacção. Precisamos vencer e não ser martyres. O nosso jornal, os serões de leitura, as reuniões dos grupos facilitarão o nosso desenvolvimento. Contamos com o auxilio das companheiras tecelãs.

E contamos com a boa vontade dos empregados dos correios de Maceió em não sabotear a correspondencia. Os empregados dos correios são explorados como nós.

Assim, esperamos melhorar de condição. — Os operarios e as operarias das fabricas de tecidos de Alagôas.

MUTILADO

A greve das cigarreiras do Recife

Depois de 12 dias de uma resistencia que a todos tem admirado, entra finalmente em declinio a gréve das moças cigarreiras das fabricas "Caxias" e "Lafayette", "duas fabricas de tuberculosos".

A solidariedade das paredistas foi completa. O trabalho nas secções das mulheres, as maiores secções, parou totalmente. Não fossem uns poucos homens que exercitam trabalhos complementares, os quaes furaram a gréve, desde o primeiro dia, a paralysação teria sido absoluta. Que homens!

— Ex-homens — eis o que elles são. Nem ao menos podem ser chamados homens — mulheres. Seria ultrajar as mulheres.

A gréve foi afinal vencida. Mas não pensem os trabalhadores do Rio e dos outros Estados que foi o patronato o vencedor. Este teria sido obrigado a ceder, tal a resistencia da parede, se não fôra a intervenção ostensiva da policia em seu favor.

Antes da intervenção da policia (ou do Estado), foi visto um filho do Sr. Azevedo, proprietario da "Caxias", o qual, diante do predio onde se achavam reunidas as operarias, fazia ameaças por meio da linguagem mimica, dizendo, entre outras coisas, que o "pão" ia começar. Dito e feito. Horas depois, a policia entrava em acção com a brutalidade do costume, varejando as sédes, confiscando livros e papeis, prendendo operarios.

Ficou provado que os patrões, ambos estrangeiros, davam ordens directas aos soldados!?

Alguns estudantes intentaram realizar um bando precatorio em favor das grevistas, contando para isto com a sympathia manifesta da população, no que foram obstados pela policia. Um dos delegados chegou a dizer que se não se tratasse de uma passeata de mulheres, mandaria dissolver a pata de cavallo. Mas que ellas não duvidassem muito não (textual).

Requerida uma ordem de "habeas-corpus" pelo estudante Flavio Massa, não foi esse pedido tomado na devida consideração pelo juiz, que teve estas palavras, pronunciadas num café: "Ellas querem "habeas-corpus" para pedir esmolas". Policia, governo, magistratura ás ordens do Patrão.

Amparados e até estimulados pelos bons officios da policia, os patrões excederam-se na repressão, chegando a mandar insultar as grevistas por um conhecido "camelot".

Na policia, um dos "zelosos" advogados do cofre forte dos senhores Azevedo & Cia., dirigindo-se a uma operaria, indagou, com visivel sarcasmo: "Como você conseguiu botar esse dente de oiro, ganhando tão pequeno salario?"

Outro episodio interessante: Não conseguindo abater o animo das grevistas, os serviçaes dos referidos senhores foram buscar, de automovel, nos sitios mais afastados, antigas operarias despedidas, obrigando-as sob ameaças a acompanhal-os. Até prostitutas das ruas do Fogo e Aguas Verdes, miseraveis antros do vicio, foram contratadas por preço muito acima do salario normal das moças operarias.

Diante de tamanha violencia, e uma vez fracassada a gréve das valentes camaradas das fabricas "Caxias" e "Lafayette", só resta um recurso: o "boycotte" systematico, paciente, constante ás marcas de cigarros das alludidas fabricas.

Trabalhadores do Brasil, especialmente do Norte: Guerra aos cigarros das fabricas "Caxias" e "Lafayette", cujos donos, capitalistas estrangeiros, matam a fome as operarias brasileiras! — O Comité da Grève.

Nada de desanimos!

Com o seu apparecimento, "A CLASSE OPERARIA" despertou na vanguarda uma vontade nova de continuar a dar seus esforgos á sua propria causa — á causa dos trabalhadores.

Mas parallelamente a este justo desejo verificamos que muitos companheiros estão possuidos de um mal que é preciso extirpal-o, pois, do contrario, vem-nos acarretar serios prejuizos.

Este mal consiste no pessimismo injustificado tendo, como complemento, a falta de confiança nos seus camaradas. Ora, realmente, além de ser um modo de ver um tanto rigoroso, não demonstra absolutamente que o camarada que assim pensa esteja procedendo bem. Senão vejamos.

Em uma fabrica onde trabalham cerca de duzentos operarios, "A CLASSE OPERARIA", era pouco conhecida. Alguns que a compravam guardavam-n'a avaramente, não deixando que seus companheiros a vissem, com receio de serem denunciados como co-participantes de taes elementos de idéas avançadas. E assim procediam, quando seria correcto que a propaganda progredisse.

Um camarada, porém, comprehendeu melhor a questão, tomou a iniciativa de disseminar o jornal, dirigindo-se aos seus companheiros no sentido de se organizar um grupo que comprasse "A CLASSE OPERARIA", directamente da redacção. De todos ouvia palavras de desconforto e desanimo; mas como já la prevenido, não deu attenção obtendo assim alguns para o grupo. A cada um que falava, a resposta era invariavel. Póde trazer o jornal, mas não pense que arranjará muita gente que o compre. Já não querem saber disso. Desanimaram quando não traíram.

Ao que o propagandista respondia:

—Mas você quer o jornal ? Posso trazel-o?

E o interpellado:

—Para mim, sim; estou sempre prompto para qualquer coisa em proveito.

E assim foi com todos. O companheiro, não se incommodando com os queixumes de cada um, conseguiu um regular numero de compradores para o jornal.

No primeiro sabbado trouxe vinte folhas, com receio de não vender nem a metade.

Engano. Uns animados com os outros compraram "A CLASSE OPERARIA, sendo necessario adquirir mais algumas para satisfazer a todos.

Na primeira semana, vinte; na segunda, vinte e cinco, e sempre augmentando os compradores.

Este exemplo deve ser imitado. Só assim, o jornal poderá manter-se para o beneficio da propaganda. E' preciso ter mais confiança no exito da acção que queremos desempenhar em pról da "A CLASSE OPERARIA".

Se assim não procedermos, e se o jornal tiver de cessar a existencia, não teremos o direito de censurar ninguem, a não ser a nós proprios.

E' necessario, pois, confiança e muita força de vontade, para que o orgão dos trabalhadores occupe o logar que merece no seio da classe productora.

Nada de desanimos! — R. M.

Na fabrica de vassouras da rua General Pedra

O proprietario desta fabrica é o Sr. Antonio Dias. Dias? Antonio Noites. Mas ninguem conhece por Antonio Noites e sim por Antonio Vintem.

Ha dias estava um dos operarios da casa do Antonio Vintem Xanxão a ler o nosso jornal, na hora do descanso.

Apparece Antonio Vintem. E, logo, toma uma attitude de quem tem cerebro de xanxão. Agarra o jornal e faz um gesto obsceno acompanhado de phrases pornographicas.

Um dos companheiros, em protesto, despediu-se da casa, mas o seu gesto não foi imitado.

Mais compostura, Antonio Vintem, Antonio Pataca, Antonio Xanxão!

Operarios, precisamos conquistar o direito de ler o nosso jornal dentro dos locaes de trabalho! — Luiz Plassava.

FESTIVAL

Proseguem os preparativos do grande festival promovido pelo grupo da "Voz Cosmopolita" em pról [illegible] CLASSE OPERARIA. [illegible]hadores! Ajudemos o nos-

CLUB SPORTISTA

Nós, trabalhadores, precisamos de um sport que nos desenvolva physicamente. Assim desejamos organizar um club sportista com os socios do Centro Cosmopolita. Por isso, convidamos todos quantos se interessarem, a comparecer á reunião que se effectuará terça-feira, 30 do corrente, ás 22 horas, na séde daquella associação. Desde já aceitamos adhesões e propostas sobre a escolha do titulo. Toda a correspondencia neste sentido deve ser dirigida a Rikanfe Ribeiro da Silva, rua do Senado numero 215 — Rio de Janeiro.

O GARFO YANKEE...

O burguez agrario monarchista Eduardo Prado, no seu livro "A Illusão Americana", que é um libello contra o imperialismo yankee, figurou a America do Sul como um immenso presunto onde o garfo dos Estados Unidos se enterra com vagar, mas com segurança...

Sendo o Brasil um presunto menor, encravado no grande presunto sul-americano, está por isto mesmo mais ao alcance do trinchante de Tio Sam... E este nosso respeitavel "parente", que tem o olfato fino e o apetite aguçado, antes que se apodere totalmente do presunto grande, procura aproveitar-se da circumstancia de que ha ainda um presunto pequeno... e elle vai, assim, enterrando-nos o garfo...

Vêm a proposito essas considerações, devido aos recentes factos que têm demonstrado a cupidez da poderosa burguezia norte-americana para com o nosso paiz.

Os leitores devem ter notado, pela leitura dos jornaes indigenas, as constantes missões "scientificas" que os Estados Unidos têm enviado ao Brasil, com o intuito de desbravar as nossas regiões "ainda desconhecidas" para elles...

Ora, toda missão, seja ella scientifica, militar, catechizante, ou outra qualquer coisa, tem sempre um fim em mira; e, pois, está claro, se taes "missões scientificas", enviadas ao Amazonas por "sociedades scientificas" americanas, não tinham por unico "desideratum" explorar sertões, transformaram-se em "missões commerciaes" enviadas igualmente por "sociedades commerciaes", para fins "commerciaes"...

Queremo-nos referir á projectada viagem do archimillionario Henry Ford, baleia do capitalismo americano, como diria Bukharine, á Amazonia (naturalmente sugestionado pelos "scientistas" que lá foram), com o fim de montar ali uma colossal fabrica de artefactos de borracha, aproveitando a abundancia da "hevea" naquella immensa região, que constitue cerca da quarta parte da superficie do nosso paiz.

A historia tem-nos mostrado qual o fim das taes "missões commerciaes", que em outro tempo eram designadas por outros nomes como — Companhia das Indias Occidentaes, Companhia das Indias Orientaes, Companhia das Indias Hollandezas, etc.

A Companhia das Indias Occidentaes, nos indicam as chronicas e tambem a nossa historia, foram organizadas pela Hollanda, para colonizar e explorar as terras destas brasilicas plagas, tentativa esta que terminou com uma guerra contra aquelle paiz e na qual, por signal, se distinguiu o nosso Estado (Pernambuco), e que ainda teve o papel, dizem os historiadores burguezes, de formar o typo brasileiro com a fusão das tres raças que se irmanaram no campo da peleja — o branco, o negro escravo e o indigena.

A Companhia das Indias Orientaes, organizada com capitaes inglezes para fomentar, como indica o nome, o commercio do Indostão, depois de desempenhar por longos annos o seu papel, dissolveu-se, mas os inglezes, que, para lá foram, lá ficaram, e como acharam a terra muito boa e muito rica, mandaram chamar mais inglezes, e um bello dia, no meio destes, seguiu um vicé-rei da India... inglez...

E, assim, as Companhias das Industrias foram colonizando terras de outros continentes, para a burguezia de seus paizes de origem.

Serão as "missões scientificas" a que linhas acima alludimos, modernas Companhias das Indias... Brasileiras?...

Precisamos abrir os olhos, porque senão, quando tarde o fizermos, veremos espalhados por toda a superficie do paiz os Fords (não sómente os automoveis...), os Vanderbilt, os Rockfeller, os Pierpont Morgan, e outros que taes, e teremos de luctar muito para reconquistar a magra "independencia" actual.

A burguezia yankee não está fazendo mais do que cumprir a palavra de ordem de Monroe — a America, para os americanos.. do Norte... — **Raul Karacik.**

ACTIVIDADE PROLETARIA NOS SYNDICATOS

Aperfeiçoemos os nossos methodos syndicaes

Em continuação ás ponderações que vimos fazendo ácerca da organização syndical, trataremos hoje dos methodos de reorganização.

Um dos erros praticados pelos nossos militantes na organização dos syndicatos tem sido a observancia rigorosa das divisões municipaes feitas pela burguezia. Perguntâmos: qual a razão da existencia de um syndicato de sapateiros, por exemplo, aqui no Rio e outro syndicato da mesma corporação em Nictheroy? Nenhuma. Cremos, pelo contrario, que esta independencia não passa do resultado de um vicio, que é hoje preciso corrigir, vicio este que, se bem analysarmos, encontraremos a sua causa no federalismo dispersivo usado até aqui na organização dos syndicatos de resistencia.

A organização syndical, como de resto qualquer outra organização, deve ser a mais concentrada e a mais homogenea possivel. Objectarão que as distancias não permittem uma organização unica entre as corporações de localidades diversas. Se assim fosse, teriamos de fundar um syndicato da mesma corporação em cada estação dos nossos suburbios.

Precisâmos não deixar que o uso do cachimbo nos deixe a bocca torta.

Ponhâmos de lado os velhos erros e os preconceitos libertarios, cultivados no nosso movimento syndical, e procuremos encarar seriamente o problema da reorganização da classe trabalhadora, sem outras ambições que não sejam as de livral-a, o quanto antes, do jugo do capital. Precisâmos substituir os velhos moldes de organização de syndicatos de officio, pelo de syndicatos de industria; reunidos, não em federações, mais ou menos hypotheticas, mas em organismos centraes com attribuições bastantes para dirigir os trabalhadores nas suas luctas.

A organização dos trabalhadores deve corresponder á centralização cada dia maior do capitalismo. Não ha uma só industria que occupe apenas uma só categoria de operarios. Para tornar este raciocinio bastante comprehensivel, tomemos a Light por exemplo. Supponhâmos que todos os trabalhadores desta grande empreza estivessem organizados, e segundo a classificação syndical de cada um.

Em um dado momento, os carpinteiros, por exemplo, pleiteiavam uma conquista qualquer para elles, carpinteiros, em particular. A Light poderia neste caso resistir áquella reivindicação dos seus empregados naquelle mistér, uma vez que para tal não precisaria suspender nem o seu trafego, nem o fornecimento de força, luz, etc.

O mesmo succederia se, ao envés de serem os carpinteiros, entrassem em lucta os metallurgicos ou os trabalhadores de outro ramo qualquer, a não ser que o movimento fosse geral, o que nem sempre é possivel.

Supponhâmos agora que, ao envés da organização por officio, adoptassemos a organização por industria. Organizados os trabalhadores de uma industria qualquer, em um unico bloco, sem distincções profissionaes segundo uma fórma rigorosamente centralizadora e disciplinada, a resistencia a offerecer aos patrões seria neste caso muito mais intensa e muito mais efficaz, pois que os interesses daquelles trabalhadores em geral seriam defendidos por um mesmo organismo.

Certo, nem todos os trabalhadores estão nas condições dos de que acabâmos de falar, dada a descentralização de algumas industrias. Por isto é que theses como esta não podem ser discutidas com a devida precisão em artiguetes de um jornal.

E' mistér que se cogite, entre os trabalhadores, da realização de uma conferencia nacional, onde se possa resolver este como outros assumptos.

Aos jovens operarios

Fazemos aqui um appello aos jovens operarios. Embora de pouca idade, já comprehendemos a necessidade da organização da juventude operaria. Temos lido sempre com todo o interesse o nosso jornal e aproveitado seus ensinamentos. Temo-o propagado e auxiliado a sua venda. Trabalhamos na Fabrica de Artefactos de Metal, onde existem mais de 200 operarios, muitos dos quaes jovens. Quando estes, porém, são convidados a organizar-se, respondem: — "Só sou operario aqui dentro. Não o sou lá fóra." Não devemos ser assim, devemos ter força de vontade para tudo e mais ainda, para defender-nos contra o capitalismo. Precisamos melhorar de situação — bem precaria no momento actual. A hygiene na casa em que trabalhamos é regular, mas poderia ser melhor, exactamente nas privadas: a agua nas caixas automaticas é objecto de luxo.

Solicitamos uma providencia a respeito.

Um facto interessante succedido ahi foi o seguinte: o gerente, admirado do nosso atrazo, disse:

— "Sim senhores, uma casa com 200 e tantos operarios não consome sequer 100 jornaes. E' uma vergonha."

E metteu a mão no bolso e tirou 1$000 e deu por um jornal.

O espanto delle seria maior quando soubesse que os 10.000 operarios da Gavea não lêm 120 jornaes, que os 10.000 de Juiz de Fóra não lêm 101 e as centenas de milhares de São Paulo só lêm 500.

Proletariado, desperta! Abre teus olhos!

Os jovens operarios do Rio e de São Paulo.

Pela unificação

E' commum, nas assembléas syndicaes, cada um pensar de uma fórma, procurando, por vezes, impôr pontos de vista que não se coadunam com os interesses da corporação. Isto sendo prejudicial, é necessario que, sem vaidades pessoaes, tenhamos harmonia de vistas para que tenhamos a força. A força póde ser material (musculo), intellectual (cerebro), moral, social... Todos esses varios aspectos da força são necessarios e devem ser empregados de accordo com as condições do ambiente e do momento.

Nossa força está na organização. Organização dupla: no syndicato e no partido operario. A força no syndicato está na qualidade e na cohesão. A força no partido, está na qualidade, na homogeneidade e na disciplina.

Sejamos cordiaes. Trabalhemos pela unificação operaria.

Tudo pelo Brasil proletario, pela familia proletaria, pelo trabalho bem remunerado.

Prisco de Vilmore.

Alfaiates, de pé!

Finalmente, está annunciada uma assembléa da nossa corporação, após o longo periodo de doze mezes no "dolce far niente".

E' motivo de jubilo, portanto, para nós, alfaiates, podermos continuar a obra que vamos encetando: a organização. E, ao iniciarmos essa tarefa, após esse descanço, devemos fazel-o com mais ardor, mais energia, mais vontade, porque a necessidade nos força a ampliar este trabalho, já começado pela União, e que varios beneficios trouxe á collectividade.

E' verdade, camaradas, que havemos de luctar com obstaculos, mas esses obstaculos mais realce trarão aos nossos laureis de victoria. Encontraremos, é facto, muitos companheiros que nos dirão que a União nada faz pelos alfaiates. Devemos, porém, mostrar a esses que não será a União que irá impôr aos patrões as melhorias que obtivermos, mas, sim, nós proprios, alfaiates, unidos e entendidos, pois a União não é, como julgam esses companheiros, quatro paredes e meia duzia de cadeiras; é a força organizada dos alfaiates, "reunidos nessas quatro paredes e sentados nessas cadeiras, para discutir e estudar as necessidades das collectividades, os remedios e a applicação, etc.

Devemos mostrar a esses que, se não fosse a União, não teriamos 8 horas, abolição dos serões e tantas outras coisas que, embora não paregam, immenso significado têm para nós, alfaiates.

Devemos mostrar, por fim, a esses companheiros que, se o esforço de um grupo tem feito muito pela nossa collectividade, que não fará esse grupo multiplicado pela massa?

Corramos á União, companheiros, enquanto é tempo!

Interessemo-nos pelo que é nosso! Alfaiates, de pé! — **H. Lima.**

AOS BARBEIROS

AUXILIEMOS O NOSSO JORNAL

De todas as corporações, a dos barbeiros é uma das que menos se têm interessado pela existencia da A CLASSE OPERARIA. A venda avulsa no syndicato dos barbeiros tem sido pequena; assignaturas, a não ser a do syndicato e a do presidente, não existe mais nenhuma; uma lista de auxilio para o jornal foi devolvida, apenas com uma assignatura. Emfim, os barbeiros não têm correspondido á espectativa. Todavia, não desanimamos.

Como barbeiros que somos, conhecemos muito bem a nossa collectividade e estamos certos de que ella saberá cumprir com o seu dever para com o proletariado.

E' verdade que em nós existem certos preconceitos, e isto tem sido o nosso maior mal. Nas assembléas (agora, não tanto), os barbeiros tratavam-se de "excellencias" e "nobres collegas", tal como se a associação fosse uma instituição burgueza.

Os proprios companheiros ainda não gostam que se lhes chamem de "operarios". Entendem elles que ser operario não é o mesmo que ser "artista" ou "official", como gostam os barbeiros que os tratem.

"Operario", "artista", "official" vem, afinal, dar tudo no mesmo; no fundo, não passamos de trabalhadores, de explorados.

Ora, A CLASSE OPERARIA é o orgão de todo[illegible] trabalhadores de todas as victi[illegible]loração capitalista e bur[illegible] necessidade que os trab[illegible]m em mantel-a e sustental-[illegible] nós, barbeiros, que tambem somos trabalhadores, que tambem somos victimas da exploração burgueza, estamos na obrigação e no dever de auxiliar o nosso jornal, o jornal de todos os trabalhadores — A CLASSE OPERARIA.

Companheiros! De todos os trabalhadores, somos nós os mais explorados; não temos horas certas para o almoço nem para o jantar; os nossos salarios são os mais miseraveis e mesquinhos que se conhecem. Não passamos dos 180$ a 190$ por mez! E com essa miseria temos que sustentar familia, pagar ao senhorio e andar bem vestidos!

Em tal situação financeira, temos forçosamente de passar privações. E não devemos esquecer, companheiros, que as privações no nosso meio se fazem sentir de uma maneira tão desesperadora que já levaram á morte um dos nossos mais queridos companheiros —Mario de Souza Amorim—que, na rua da Assembléa, fez esmigalhar o craneo sob as pesadas rodas de um bonde bagageiro. Mario de Souza Amorim foi, pois, uma victima da exploração burgueza.

O suicidio desse nosso companheiro mostra bem claro o estado de miseria que lavra no seio de todos os barbeiros, e, mui principalmente, naquelles que têm familia para sustentar.

Portanto, companheiros, precisamos de um jornal que defenda os nossos interesses, até hoje sujeitos ao arbitrio do patronato. E esse jornal só póde ser A CLASSE OPERARIA, jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores.

Barbeiros do Rio de Janeiro! Façamos A CLASSE OPERARIA penetrar em todas as lojas de barbeiros! Façamos sua leitura obrigatoria de todos os barbeiros!

UM GRUPO DE BARBEIROS

Pelos vassoureiros

Se bem que a industria de vassouras ainda não se tenha transformado completamente, tanto na technica do fabrico, como na transformação intellectual dos trabalhadores da dita industria, ainda podemos orgulhar-nos de ter companheiros dispostos a elaborar a organização da nossa corporação. No emtanto, economicamente, as melhorias obtidas são insignificantes. Ha companheiros que cinco annos atrás ganhavam salarios iguaes aos de hoje.

Demonstra isto a falta de organização economica e politica. O fabrico, geralmente, é manual, e, por isso, o trabalhador em vassouras devia organizar-se, porque, além do pequeno ordenado que percebe, está na contigencia de ser substituido facilmente pela aprendizagem.

Nós, trabalhadores em vassouras, temos necessidade immediata de nos organizar em corporação, para assim obtermos algumas melhorias economicas, como as oito horas de trabalho e os salarios minimos, e desenvolvermo-nos politicamente, ingressando no partido dos trabalhadores, para formarmos com a massa proletaria mundial, na conquista dos nossos direitos tendo, para isso, o nosso jornal que nos ajuda nessas mesmas conquistas.

Avante! companheiros! Organizemo-nos!

Um grupo de vassoureiros.

Nota dissonante

O companheiro M. de Oliveira escreveu um artigo respondendo á nota de José Marmorista. Esse artigo viria provocar uma polemica que as quatro paginas de um semanario não poderiam comportar, principalmente tratando-se de um jornal que precisa attender aos interesses da massa. Todavia, lembramos aqui que o espirito deste jornal é de lucta de classes e não collaboração de classes, espirito esse com o qual concorda o companheiro Oliveira, como resalta da parte final do seu artigo.

Os termos "relações cordiaes" entre os patrões e os operarios prestam-se a duvidas e têm uma significação que não se coaduna com a lucta de classes.

E ponto final.

Communicados e convocações

UNIÃO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS

Não é difficil aos companheiros de lucta comprehenderem o trabalho que temos tido para fincarmos no Brasil uma associação que tende a favorecer os operarios brasileiros, que se preoccupam muito pouco com a sua situação.

Agora mesmo, um dos socios da mesma, que ha muito não tem cumprido com seus deveres e só pelo simples facto de ser convidado a comparecer á séde para resolver-se um assumpto de magna importancia, pediu, por favor, a sua eliminação do quadro social.

Ora, companheiros, este socio não tem amor á sua organização e, muito menos, pela situação do operariado brasileiro. Pessimas consequencias acarretam taes attitudes. — **1º secretario, Manoel Praça.**

CAIXA B. A. E DE COLLOCAÇÃO DOS EMPREGADOS EM HOTEIS

Rua José Mauricio n. 46

Na reunião semanal de propaganda associativa, realizada sexta-feira da semana passada, A CLASSE OPERARIA fez-se representar. Falaram varios oradores, tratando de assumptos relativos á caixa, analysando a sua utilidade para os associados.

Um dos oradores, salientando o valor da Caixa para seus componentes, fez um parallelo entre esta e o Centro Cosmopolita, enaltecendo o valor do Centro diante das melhorias que tem conquistado para a corporação dos empregados em hoteis e annexos. Disse que os associados da Caixa deviam fazer o maximo de esforço para augmentar o numero de associados desta Caixa, tratando-se, pois, de uma entidade humanitaria, podendo os seus associados fazer parte do Centro Cosmopolita ou vice-versa.

Usou da palavra o representante de A CLASSE OPERARIA, fazendo sentir aos presentes a conveniencia e necessidade do apoio moral e material para o nosso jornal, que é, de facto, um jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores. A seguir, o companheiro presidente encerrou a reunião, ao mesmo tempo offerecendo a A CLASSE OPERARIA um convite para o festival em beneficio dos cofres da Caixa, a realizar-se sabbado, 4 de julho proximo, no salão do C. D. R. Arte e Instrucção, á rua Frei Caneca n. 4. No programma, dividido em quatro partes, está incluida a engraçada comedia em tres actos, intitulada "Um hotel em sarilhos". Depois do acto variado, terminará com um baile familiar.

Damos aqui algumas indicações:

Reuniões de propaganda associativa: todas as sextas-feiras, ás 21 horas. Aulas de inglez, francez e portuguez: segundas, quartas e sextas-feiras, das 21 ás 23 horas, para os associados da Caixa, assim como para qualquer outro trabalhador, mesmo não associado. Expediente: todos os dias uteis, das 7 ás 19 horas. Reuniões de directoria: terças-feiras, ás 21 horas.

AOS OPERARIOS EM TINTURARIA

No dia 6 de julho proximo devem continuar a discussão e approvação dos novos estatutos da União dos Alfaiates.

Por esses novos estatutos, ficarão os operarios em tinturarias com direito a fazer parte daquella associação, cujo titulo será augmentado com annexos.

A reforma desses estatutos, com a inclusão dos trabalhadores em tinturarias, obedeceu á proposta de fusão, apresentada pela União dos Operarios em Tinturarias. Estes operarios formarão assim, no seio dos companheiros alfaiates, uma fracção, com o seu representante directo.

Nos casos que interessarem á associação, em assembléas geraes, tomarão parte com iguaes direitos e deveres, todos os associados, sejam elles: alfaiates, passadores, lavadores, tintureiros, costureiras, passadeiras, buteiros, calceiros, coleteiras, etc. No caso de interesse para uma das fracções, estas se reunirão separadamente tantas vezes quantas forem precisas.

Após a approvação dos referidos estatutos, será marcada uma assembléa, na qual deverão comparecer todos os operarios em tinturarias desta capital, afim de assistirem á fusão da União dos Operarios em Tinturarias com a União dos Alfaiates. Nessa assembléa será lido o relatorio da commissão executiva e apresentadas as contas, desde junho do anno passado. — **O 1º secretario.**

ALLIANÇA DOS OPERARIOS METALLURGICOS DE NITHEROY

A Alliança, emprehendendo a sua tarefa de emancipação do operariado metallurgico, teve em vista tornar effectiva a base syndical do mesmo organismo social.

Enveredar por este caminho não é nada mais que procurar a arregimentação das massas, para um dia bem proximo tornarmo-nos um blóco effectivo nas futuras luctas que havemos de emprehender.

A Alliança está em constante actividade nas officinas, nos estaleiros de construcção naval, nas fabricas, emfim, em todo logar onde se encontram estabelecimentos metallurgicos. Portanto, urge que as massas que se encontram dispersas, ainda sob o predominio do indifferentismo com respeito á nossa verdadeira organização, procurem conhecer, de visu, as nossas aspirações, que tambem tanto lhes tocam, ajudando-nos a levantar a nossa efficiencia associativa, deixando o pessimismo e engrossando cada vez mais o nosso syndicato.

Só assim poderemos melhorar a nossa situação de explorados — **José Casini.**

A Alliança dos Operarios Metallurgicos de Nitheroy convida todos os companheiros a comparecerem á assembléa geral a realizar-se na quinta-feira proxima, ás 19 horas, pois ha assumptos importantes a tratar. — O secretario.

ASSOCIAÇÃO B. DOS VENDEDORES AMBULANTES DO DISTRICTO FEDERAL

Realizou-se no dia 22, segunda-feira, na séde da Associação R. dos Cocheiros C. e Classes Annexas, a annunciada assembléa para a escolha da sua directoria e approvação do pavilhão social.

Depois da leitura da acta e sua approvação, foi lido o expediente que constou de varios officios.

Seguiu-se uma proposta para que, d'ora avante, possa ingressar nesta associação qualquer conductor de vehiculo á mão, muito embora existam duas associações especializadas e destinadas a estes. Comquanto esta nova associação seja para vendedores ambulantes, a proposta foi approvada. A seguir foi approvada a proposta sobre as côres do pavilhão.

Terminados estes assumptos, foi por proposta de um dos membros da mesa acclamada a directoria, composta da seguinte fórma:

Presidente — Manoel de Jesus; vice, João dos Santos Carvalho; 1º secretario, José Monteiro; 2º Manoel Ribeiro; thesoureiro, Salvador Cassella. Conselho Fiscal: José Rodrigues Laranjeira, José Ribeiro de Moura e Custodio Fernandes da Costa. Commissão de syndicancia: Julio Esteves, Manoel Rodrigues e Antonio Maria Besteiro. Commissão Hospitaleira: José Gomes Mandato, Cyriaco Prestes e Manoel Antonio Vaz. Corpo de Fiscaes: Thomaz Sabino, Domingos José Gonçalves, Antonio M. Oliveira e Manoel Francisco Carvalho.

A seguir falaram o camarada Aguiar, 1º secretario da Resistencia e o representante de A CLASSE OPERARIA. O primeiro salientou a necessidade da organização dos trabalhadores, e o segundo falou sobre o nosso jornal que é orgão de todos os trabalhadores do Brasil. A seguir foi encerrada a sessão.

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS

A actual directoria desta associação termina o seu mandato no dia 26 de setembro.

Aproxima-se, pois, a data da realização da eleição dos companheiros que devem reger os destinos desta associação. Fomos informados de que um grupo de mais de 20 companheiros apresentará a seguinte chapa para ser suffragada em assembléa:

Para presidente: Julio Marcelino de Carvalho; 1º vice, Franklin José da Silva; 2º vice, Candido Zum; 1º secretario, Francisco de Souza Barros; 2º secretario, Odilon Alves de Rezende Lima; 3º secretario, Manoel Agostinho Bezerra; 1º thesoureiro, Domingos Fernandes; 2º thesoureiro, Ignacio Seraphim de Mello. 1º procurador, Alfredo Tinoco; 2º procurador, José Pedro de Oliveira. 1º orador, Julio Toscano de Brito; 2º orador, Fidelis Ramos dos Santos. Delegados: Pernambuco: Julio Romualdo de Almeida; Bahia: Adolpho dos Santos Costa; Rio Grande do Sul: Adalberto Vieira Lima.

De ordem do presidente, convido os associados a comparecerem á séde social, hoje, 27 do corrente, ás 19 horas, para uma assembléa geral extraordinaria, em 2ª convocação, cuja ordem do dia é a seguinte: leitura do parecer da commissão de Contas do mez de maio e interesses sociaes. — O 1º secretario, Manoel Severiano Cabral.

UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIAS

Previno aos companheiros que trabalham na manipulação e venda do pão que diariamente, das 17 ás 19 horas, serei encontrado em nossa séde para tomar conhecimento e providenciar sobre prisões, molestias, accidentes no trabalho e tudo que prejudique directamente os interesses da associação e dos associados. — M. Mattos Garrido, procurador.

Secretaria de trabalho

O expediente desta secretaria funcciona diariamente das 15 ás 17 horas. Prevenimos a classe que é necessario observar rigorosamente o horario de trabalho.

UNIÃO DOS OPERARIOS MUNICIPAES

De ordem do presidente, são convidados os associados a comparecerem á assembléa geral ordinaria, que terá logar, hoje, sabbado, ás 19 1|2 horas na séde da U. O. M. á rua Camerino, 99, para, de accordo com o artigo 30, letra A dos estatutos, se proceder á eleição da nova directoria que irá dirigir os destinos daquella collectividade durante o futuro anno social de 1925 a 1926, depois da leitura do relatorio do presidente e parecer do Conselho Fiscal. — Agenor Belmonte, 1º secretario.

ASSOCIAÇÃO DOS CARPINTEIROS NAVAES

De ordem do companheiro presidente, esta associação reune-se em assembléa geral extraordinaria hoje ás 19 horas, para a eleição de cargos vagos na sua administração, em sua séde social á rua da Harmonia, 65, convidando para esse fim a todos os seus associados. — José F. Elias, 1º secretario.

UNIÃO DOS TRABALHADORES DO CAES DO PORTO

Levo ao conhecimento de todos os associados que, tendo a directoria a terminar o seu mandato, apresentado as suas contas e tambem um balancete geral de sua gestão, convido o comparecimento de todos os trabalhadores do Cáes a assistirem á assembléa geral que se realizará no dia 2 de julho, ás 19 horas, para leitura do referido balancete e mais assumptos de interesse da classe. — O secretario.

NOS ESTADOS

"O OPERARIO"

Recebemos o n. 31 deste jornal, orgão da Confederação Catholica do Trabalho, de Bello Horizonte.

Desejariamos que os redactores "operarios" de "O Operario" nos informassem, successivamente, pelas columnas do mesmo: 1º quantos operarios industriaes existem em Bello Horizonte; 2º, quantos operarios agricolas; 3º, quantos lavradores pobres; 4º, o numero de fabricas; 5º, os nomes; 6º, o numero de operarios de cada uma; 7º, a industria principal; 8º, os salarios; 9º, as horas de trabalho; 10º, os soffrimentos; 11º as aspirações.

Essas informações tornarão "O Operario" agradavel ao proletariado nacional e internacional.

LIGA OPERARIA DE BAEPENDY

Pedimos ao presidente José Zeferino da Motta a fineza de informar-nos os salarios, as horas de trabalho, os soffrimentos e as aspirações dos operarios de Baependy.

AOS ENSACCADORES DE CAFE'

Estudemos a situação dos operarios ensaccadores de café, de Santos.

Esta corporação acaba de sair de uma lucta ingloria no sentido de suas reivindicações economicas. Ingloria sómente neste ponto, porém, de salutares effeitos para todas as organizações operarias de Santos.

Salutar porque, com estes fracassos no campo da lucta, os soldados dessa batalha, que são os operarios com seus dirigentes á frente, comprehenderão que não é possivel haver harmonia entre capital e trabalho, como tambem terão de se capacitar de que as luctas em separado, mão grado todo o optimismo dos mesmos operarios, estarão sempre sujeitas ao mais formidavel e inevitavel fracasso.

Os capitalistas não cedem de bom grado ás justissimas reclamações que o productor lhes ouse fazer com movimentos isolados. Este fracasso será salutar porque veiu demonstrar ás organizações de Santos que o patronato se encontra cada vez mais unificado, sendo representado pelas associações commerciaes, industriaes e agricolas.

Estas tres entidades, quando a lucta se estabelece em um de seus sectores, ligam incontinenti suas forças e estabelecem a lucta.

Não ha razões que os convençam de que "seus" operarios estão com a razão; que a vida está cara e estes necessitam de um augmento, ou diminuir as horas de trabalho.

A empreza em lucta **não quer ceder** e nestas tres palavras se resume toda a lucta de classe, todo o antagonismo entre o explorador e o explorado irremediavel esta situação? Em absoluto.

E' preciso que os operarios comprehendam que, na época actual, só poderão vencer essas batalhas por meio da União proletaria.

Se os operarios da ensaccação do café houvessem tomado os ensinamentos de alguns numeros do extincto "O Solidario", não teriam perdido tão justo movimento.

Houve alguem que lhes disse: "aproveitem a opportunidade e façam as tres corporações — conductores de vehiculos, ferroviarios e ternos em café — o movimento em conjunto,e a victoria será invitavel".

Pensaram de outra forma e agiram de outro geito, e o resultado está patente, claro, demonstrando nos dirigentes e dirigidos das organizações, que a unica tactica que quebrará o **não quero ceder** do capital é a união de todas as corporações.

Sirva de lição este fracasso a todos os operarios de Santos e do Brasil inteiro. — **Nelson de Figueiredo.**

OS TRABALHADORES DE RIBEIRÃO PRETO SE ORGANIZAM.

Acaba de ser fundada a União Geral dos Trabalhadores de Ribeirão Preto, a qual tem por fim, além da defesa economica dos trabalhadores, a sua elevação moral.

O novo organismo cogita da fundação de uma cooperativa de consumo de generos de primeira necessidade.

Que todos os trabalhadores de Ribeirão Preto comprehendam a utilidade de tão opportuna iniciativa e lhe prestem todo o apoio possivel.

EM MOSSORO'

A Liga Operaria de Mossoró, communica-nos que empossou na sessão solemne de 1º de Maio, a sua 5ª administração, assim constituida:

Presidente, Raymundo Calistrato do Nascimento; vice-presidente, Manoel Assis; 1º secretario, Raymundo Reginaldo da Rocha; 2º secretario, Gregorio Silva; thesoureiro, Sebastião Magy de Oliveira; adjunto de thesoureiro, Rufino Evangelista Nogueira e bibliothecario, Raymundo Nonato da Silva.

Commissão executiva — Joaquim Casimiro de Carvalho, Lindolpho de Arruda Torres, Mario Tavares de O. Cavalcanti, Oscar Amaral de Oliveira, José Januario do Couto, Francisco Theophilo de Paula, e João Firmo da Costa.

Commissão de supplentes — Alexandre Francisco de Paula, Luiz Palheiro de Mendonça, Francisco Borges da Silva, Francisco Antonio Ferreira, Canuto Saraiva de Moura, Pedro Alves Barbosa e Manoel Paulino de Oliveira.

Commissão de contas — Manoel Figueira da Silva, José Felippe Netto, Antonio Gomes de Moraes, José Joaquim Bezerra e Alfredo Castro de Araujo.

Caixa mutua — Director-thesoureiro, Raymundo Luciano; director-secretario, Domingos Mathias da Costa.

O Grupo Escolar "Liga Operaria" continúa sob a direcção do professor Raymundo Reginaldo da Rocha, auxiliado pelos normalistas Raymundo Nonato da Silva, Adaucta da Camara, Assis e Luzia Gomes da Rocha.

Aos empregados dos Correios

Os empregados dos Correios nos tiram toda a serenidade. Como poderemos defender seus interesses, se elles nos tratam como inimigos?

Juiz de Fóra não recebeu o n. 6. Petropolis, idem. Do n. 4, o Recife so recebeu 80, quando enviámos 200; do 3º numero faltaram 25. Só ahi, os empregados dos Correios nos deram um prejuizo propriamente material de 30$ e potencial de não sabemos quanto. Ora, é um crime tratar assim um jornal que os tem defendido, um jornal que é de todos os explorados como o são os empregados dos Correios.

Leituras para trabalhadores

PARA AS MASSAS

Evangelho dos livres........	$200
Programma da I. S. V. (em hespanhol)	1$200
Tres annos de luta da I. S. V. (em hespanhol)	$200
Abre teus olhos, trabalhador.	$100

PARA A VANGUARDA

Anarchismo e communismo — Bukharine	$200
Russia Proletaria	3$000
Revista do P. C. — cada n.	$300
e $500.	
O canto immortal dos trabalhadores.	$400

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, a A. A. Brazil de Mattos — rua Marechal Floriano Peixoto n. 172, 1º andar — Rio de Janeiro.

PILULAS
VIRTUOSAS

(Pilulas de Papaina e Podophyllina).

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Estas Pilulas, além de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, dôres de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das secreções gastro-intestinaes.

A' venda em todas as pharmacias. Vidro, 2$500. Depositarios: — Drogaria Cardoso, Rua dos Andradas n. 72. Rio de Janeiro.

MUTILADO

CORRESPONDENCIA INTERNACIONAL

A CLASSE OPERARIA CHINEZA

(Os acontecimentos chinezes, com o se aggravarem cada dia, vão assumindo uma importancia mundial que não escapa aos observadores da luta contra o capitalismo imperialista internacional. Já na vez passada offerecemos aos leitores elementos basicos de estudo para a boa comprehensão de taes acontecimentos. O artigo abaixo tem o mesmo objectivo. E' seu autor o camarada Sen Katayama, velho e estimado chefe do proletariado japonez e um perfeito conhecedor das coisas chinezas).

São conhecidos os traços geraes da situação na China: os diversos grupos politicos, os chefes da guerra civil, etc. Eu examinarei aqui um factor que adquiriu presentemente uma importancia enorme na guerra civil e que, no futuro immediato, desempenhará igualmente um papel primordial nos destinos da Republica chineza. Este factor — é o proletariado chinez. Como se sabe, Sun-Yat-Sen appellou para o proletariado contra os bandos fascistas dos "tigres", armados á custa dos capitalistas anglo-americanos e dos grandes industriaes de Cantão. As guardas armadas de trabalhadores bateram os fascistas. Este facto muito impressionou os capitalistas chinezes, os imperialistas estrangeiros e o proprio Sun-Yat-Sen. Inclinam-se alguns a pensar que os acontecimentos de Cantão não são de molde a affirmar o papel importante do proletariado chinez. Mas não é verdade. Todo o passado do proletariado chinez prova que elle possue um espirito de emancipação sufficientemente desenvolvido para insurgir-se contra seus oppressores.

Que se considerem, por exemplo, as numerosas gréves politicas recentemente conduzidas pelos operarios chinezes. A mais importante dessas gréves, a dos maritimos de Hong-Kong, em 1922, offereceu occasião aos maritimos chinezes de manifestar uma enorme força de resistencia. Essa gréve, que teve no começo um caracter economico, transformou-se numa lucta contra o governo de Hong-Kong. Ella durou cincoenta dias. 23.000 maritimos della participaram e 200.000 operarios de outras profissões declararam-se em gréve solidaria. 200.000 dollars foram recolhidos em favor da caixa de gréve. E o movimento terminou pela victoria operaria.

Igualmente importante foi a gréve dos ferroviarios da rêde Pekin-Hang-Ku, em 1923. Este movimento era guiado pelos marxistas, porque as mais importantes federações operarias da China são dirigidas pelo partido marxista chinez. Wu-Pei-Fu esmagou essa gréve com uma ferocidade inaudita. Innumeraveis operarios foram presos, e houve centenas de feridos e mortos. Os imperialistas estrangeiros prestaram mão forte ao dictador de Pekin em sua vergonhosa tarefa. Mas os operarios chinezes temperaram-se nessas batalhas. Elles se revelaram capazes da lucta e de organização e, depois, a solidariedade dos trabalhadores chinezes tem augmentado sempre.

Todas essas gréves têm ainda uma grande importancia pelo seguinte: Wu-Pei-Fu adquirira outr'ora uma certa popularidade entre os trabalhadores chinezes, seguindo uma politica demagogica. Mas sua conducta durante a gréve dos ferroviarios de Pekin-Hang-Ku abriu os olhos do proletariado sobre o caracter real do governo de Pekin. As sympathias operarias manifestaram-se a favor de Sun-Yat-Sen e, num congresso do Gomindan, partido de Sun-Yat-Sen, foi adoptado um programma bastante radical. O Gomindan tornou-se um partido de massas. Em seguida ao congresso houve uma scisão: os elementos burguezes abandonaram o partido para constituir uma organização fascista, cujos destacamentos armados ("tigres"), combateram contra o exercito de Sun-Yat-Sen.

Ora, quaes são as forças actuaes do proletariado chinez? A China continúa a ser um paiz agrario, occupando a agricultura 85 °|° de sua população. Por outro lado, ha na China cerca de 5 milhões de operarios. O quadro abaixo dá os algarismos precisos sobre a composição dos diversos destacamentos da classe operaria industrial:

Ferroviarios	100.000
Flandeiros de algodão	160.000
Phosphoros	90.000
Sub-sólo	420.000
Maritimos	90.000
Tabaco	100.000
Manutenção	500.000
Electricistas	100.000
Metallurgicos	200.000
Flandeiros de seda	130.000
Graphicos	80.000
Moveis	50.000
Tinturarias	300.000
Applicação dos tapetes	20.000
Industria do chá	100.000
Carpinteiros	50.000
Industria do papel	100.000
Productos pharmaceuticos	30.000
Alfaiates	200.000
Total	4.963.000

Perto de 300.000 desses operarios estão organizados e adherem aos seguintes syndicatos:

Ferroviarios	42.000
Mineiros	50.000
Maritimos	45.000
Tabaco	18.000
Richki	10.000
Electricistas	2.000
Cimento	25.000
Industria de ovos	15.000
Construcção naval	25.000
Fabricação de farinha	18.000
Couros e pelles	20.000
Rikchi (carregador de cadeira)	200.000
Correios, telegraphos e telephones	40.000
Construcção civil	500.000
Cerveja	100.000
Barbeiros	200.000
Producção do sal	400.000
Domesticos	400.000
Porcellana	200.000
Construcção civil	30.000
Barbeiros	14.000
Producção do sal	10.000
Domesticos	8.000
Tintureiros	8.000
Metallurgicos	40.000
Alfaiates	7.000
Flandeiros de algodão	10.000
Graphicos	10.000
Total	304.000

Assim, pois, bastante baixa é a porcentagem de operarios organizados, mas, apezar de sua fraqueza numerica, os syndicatos chinezes desempenham um papel importante no movimento operario, de que são a vanguarda militante, como o provam as gréves destes ultimos annos. As gréves tornam-se cada vez mais frequentes na China, prova de que as massas operarias despertam.

O annuario da China para 1924 fornece os dados seguintes sobre o movimento grévista: de setembro a dezembro de 1922, declararam-se 41 gréves, das quaes 50,5 °|° terminaram com uma victoria completa, 18,4 °|° com victorias parciaes e 25,1 °|° em derrotas operarias. 145.780 operarios participaram dessas gréves, algumas das quaes assumiram um caracter politico nitidamente marcado. Quanto ás causas das gréves, 70,9 °|° dentre ellas visavam reivindicações de salarios; 12,3 °|° eram gréves de solidariedade; 12,2 °|° foram provocadas pelo descontentamento dos operarios em relação aos mestres e chefes de serviço; 4,7 °|° visavam a defesa do direito syndical. A elevada porcentagem das gréves de solidariedade mostra que os operarios chinezes comprehenderam bem a significação da lucta de classe, a necessidade da solidariedade operaria e da frente unica diante dos exploradores.

Comprehende-se então porque o exercito proletario de Sun-Yat-Sen poude triumphar tão facilmente dos "tigres" fascistas. Esta victoria terá uma importancia enorme, e não sómente para os operarios chinezes. Os dos outros paizes encontrarão nella motivo de encorajamento, considerando com esperança o movimento chinez.

Deve ainda mencionar-se, do ponto de vista da guerra civil na China, a juventude das escolas. Os estudantes chinezes representam um destacamento avançado do movimento progressivo ou radical destes ultimos annos. Todo o movimento revolucionario da China faz-se com o apoio directo dos estudantes. Tal foi tambem seu papel durante a guerra russo-japoneza, ou antes na época em que os "leaders" revolucionarios Sun-Yat-Sen e Huang-Sing, que então residiam no Japão, começaram a organizar os revolucionarios chinezes e crearam uma liga revolucionaria chineza. Logo a seguir á primeira assembléa da Liga, varias centenas de estudantes adheriram á mesma, e esse numero subia em breve a mais de 10.000 estudantes espalhados por todas as provincias chinezas, salvo a de Hiang-Su, cuja juventude ia estudar no Japão. As secções desta Liga cobriram toda a China com sua rêde e foram ellas que dirigiram a primeira revolução chineza.

Um segundo movimento importante dos estudantes data da época do tratado de Versalhes, o qual entregou ao Japão as possessões allemãs de Chan-Tung. Demonstrações de protesto foram organizadas em todo o paiz e mais de 20.000 estudantes tomaram parte nas mesmas. Os manifestantes atacaram o domicilio dos diplomatas que haviam assignado o tratado, sendo as casas de suas residencias incendiadas. Este grande movimento de massas exerceu uma forte influencia sobre a politica do governo.

Presentemente, os estudantes chinezes desempenham um papel igualmente importante na vida politica do paiz. Elles intervêm quando se trata da solução de questões de interesse internacional taes como o "contrôle" dos imperialistas estrangeiros sobre as estradas de ferro, instituido após o caso Lin-Tchang. A juventude das escolas participa activamente da guerra civil actual e da lucta contra o imperialismo estrangeiro.

Para concluir, algumas palavras sobre a repercussão do movimento chinez no seio das massas operarias e camponezas do Japão. Não raro, no passado, manifestaram os syndicatos operarios japonezes sua solidariedade aos trabalhadores chinezes. Fizeram collectas em prol dos ferroviarios grévistas e demonstraram sempre suas ardentes sympathias á classe operaria chineza em lucta. O proletariado japonez muito se ha desenvolvido desde ha algum tempo e cada vez mais vai sendo ganho pelos sentimentos de solidariedade internacional. Attesta-o a attitude tomada pela imprensa operaria do Japão em relação á nova lei americana limitando a emigração dos japonezes para a America.

Os operarios e camponezes japonezes exigem o reconhecimento immediato da Republica dos Soviets(— o que já foi conseguido. Nota da R.—) Por diversas vezes têm elles affirmado sua solidariedade aos trabalhadores de todos os paizes. Os operarios organizados do Japão sempre mantiveram excellentes relações com os trabalhadores coréanos immigrados no Japão. Elles luctam com estes ultimos contra a offensiva capitalista. E nós estamos certos de que o proletariado japonez marchará passo a passo com a classe operaria chineza e lhe prestará toda sua ajuda nas luctas actuaes. — Sen Katayama.

Folhas volantes chinezas, espalhadas em Cantão pelos operarios, camponezes e estudantes, contra os bandos fascistas

"A CLASSE OPERARIA"

Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores

EXPEDIENTE

Redacção e administração:

Rua Marechal Floriano Peixoto, 172 — 1º andar

Endereço telegraphico: Klassop — Rio

Director responsavel

A. A. BRAZIL DE MATTOS

ASSIGNATURAS

12 mezes	8$000
6 mezes	4$000
3 mezes	2$000
Numero avulso	$100

As assignaturas começam em qualquer numero e são pagas adiantadamente.

Pela independencia do Rif

(Na Africa como na Asia, os povos opprimidos levantam-se contra os colonizadores imperialistas. Já dura annos, em Marrocos, a lucta contra a Hespanha. Batida esta pelos rifenhos, os soldados de Abd-el-Krim são forçados a se defenderem da "civilização franceza. Os dois artigos que a seguir publicamos explicam o que é essa lucta.)

O Rif essa estreita barda de terra do Noroéste marroquino, margeando o Mediterraneo na ponta extrema da Africa, o Rif continúa a preoccupar cada vez mais as chancellarias.

294.000 cultivadores e pastores riffenhos, conduzidos por um chefe do grande talento militar, por esse Abd-el-Krim já tocado pela legenda que o faz comparar a Kémal Pachá, infligiram aos hespanhoes, em dezembro ultimo, uma nova derrota.

Desde 1921 que os riffenhos se batem victoriosamente contra a Hespanha. Ainda ha pouco, Abd-el-Krim infligia a Primo de Rivera, ido a commandar em pessoa seus generaes batidos e descontentes, humilhantes revezes, aliás seguidos de capitulações e retiradas estrategicas, que os communicados do Directorio souberam transformar em "gloriosas façanhas".

Entre mortos, feridos e desapparecidos, os hespanhoes perderam 28.000 homens nesta ultima phase da campanha.

28.000 pobres diabos operarios e camponezes!

O successo dos riffenhos devia provocar uma certa effervescencia entre os mouros e os kabylas da outra vertente do Atlas, isto é, da zona franceza. Na região de Agadir, no Atlantico, as tribus começaram a preparar um levante. Os Beni-Zerwal agitaram-se. O solo esquentou e fremiu sob os pés do occupante francez.

Houve um tempo em que os francezes encorajavam Adb-el-Krim e do modo mais efficaz. Os postos francezes não oppunham obstaculo algum á passagem da fronteira pelos marroquinos desejosos de luctar contra a Hespanha. Havia francezes que abasteciam com armas clandestinamente aos riffenhos. Mas, com a victoria destes ultimos, modificou-se a attitude franceza. Os grandes jornaes de Paris sublinharam quanto seria inconveniente uma republica indigena ao Norte de Marrocos. Vozes inspiradas, e inspiradas sabe-se muito bem onde, falaram da necessidade de defender a zona franceza contra Abd-el-Krim. O marechal Liautey, potentado de Marrocos, forjava seu plano de guerra.

A offensiva franceza contra o Rif começou. Ella já semeou, nas cidades e aldeias da França, um certo numero de lutos. As bombas asphyxiantes da civilização latina chovem sobre as aldeias do Atlas. O tiro do avião civilizador não distingue a população civil da população combatente...

Agora que o concorrento hespanhol não apresenta mais perigo, é para elle que se orienta a intriga franceza. Hontem com Abd-el-Krim contra os hespanhoes, hoje com Primo de Rivera contra os riffenhos. Só um louco póde misturar honestidade com a politica colonial. Mas os colonizadores francezes são capazes de deixar longe os britannicos e os allemães de outr'ora. Numa entrevista concedida ao "Echo de Paris", Primo de Rivera falou do contacto restabelecido com o marechal Liautey contra o Rif revolucionario. O "Morning Post" londrino desde 18 de abril annunciava, baseado em palavras do dictador hespanhol, no entendimento entre as duas politicas.

Que valem então as allegações da imprensa franceza sobre a defensiva franceza e hespanhola em Marrocos, do marechal Liautey contra Abd-el-Krim? Mentira da imprensa, preparação da opinião publica para a nova guerra colonial.

Com certeza a França está agindo tambem de accôrdo com a Inglaterra, de onde os riffenhos igualmente receberam o anno passado abundante armamento. Abd-el-Krim fez concessões de phosphatos e de cobre a capitalistas inglezes. Os adiantamentos recebidos, elle os empregou na Inglaterra mesma, na compra de armas. O contrabando britannico assegurou os transportes.

Desde muitos annos que a politica ingleza preoccupa-se com o Marrocos hespanhol. Ella encorajou, primeiro, a penetração hespanhola. A Grã-Bretanha preferiu ver o outro batente da porta do Mediterraneo, em frente a Gibraltar, nas mãos da Hespanha debil. Aquella posição em mãos do imperialismo francez ser-lhe-ia muito mais ameaçadora. Mostrando-se, porém, a Hespanha decididamente incapaz de guardar o Riff, a idéa de ahi organizar um Estado indigena independente seduziu os diplomatas londrinos.

O assassinio do sirdar Lee Stack no Egypto determinou uma reviravolta na politica norte-africana do imperialismo britannico. O Sr. Chamberlain soube tirar bom partido do sangue do seu general. O governo nacionalista egypcio de Zagiul Pachá cahiu ou antes foi cahido, a occupação do Sudão pela Inglaterra foi officialmente consagrada, a dictadura militar do inglez installou-se no Egypto "independente". A França, sympathica — oh! não desinteressadamente! — ao Egypto independente, não viu com bons olhos essas modificações. Sobre este ponto houve a entrevista Chamberlain-Herriot. A 17 de fevereiro, o Sr. Chamberlain, interrogado na Camara dos Communs sobre a situação no Rif, respondia que "o governo da Grã-Bretanha declina de toda especie de relações com Abd-el-Krim.". Não podemos saber que concessão o senhor Chamberlain fez, em Marrocos, ao Sr. Herriot. A unica coisa certa é que a França tem hoje as mãos livres em relação aos riffenhos. A imprensa ingleza mostra-se, a este respeito, de uma grande sobriedade.

Ha um terceiro concorrente. A Italia sonha installar-se nas costas do Noroéste africano. A Italia está descontente com o desdem com que a tratam. A Italia não esqueceu o facto de não ter sido admittida na conferencia de internacionalização de Tanger, em 1923. A Italia de Mussolini quer ter voz no capitulo da questão marroquina. Da mesma fórma que antes da guerra a Allemanha exigiu para resolver a questão marroquina a reunião da conferencia de Algesiras, a Italia preconiza hoje uma outra Algesiras — e faz occupar certos oasis nos confins da Lybia e do Egypto.

Eis que volta a questão marroquina. Os antagonismos imperialistas se entrecruzam, se misturam; se minam e contraminam. Imbroglio dos Balkans, questão marroquina... Não parece estarmos de novo em 1912? — L. Kitaigorodski.

OS FRANCEZES EM MARROCOS

Desde 1909, obedecendo aos interesses do "Sindicato Minero del Rif" (hoje "Companhia de Minas del Rif) e aos votos do exercito e da monarchia, a juventude operaria hespanhola derrama seu sangue sobre as rochas de Marrocos. Os acontecimentos de 1909, originados pelas campanhas marroquinas, foram determinados pela rapacidade da "Companhia Minera del Rif" e pelas justas reivindicações dos trabalhadores indigenas de Marrocos.

A companhia explorava as minas de Beni-Bu-Ifrur, as mais ricas do territorio marroquino. Um accidente no trabalho occasionou a morte de varios trabalhadores indigenas. Os feridos reclamaram indemnizações. E' evidente que lhes cabia esse direito. A companhia recusou. Os riffenhos insurgiram-se contra esse acto de verdadeiro banditismo industrial. Os trabalhadores indigenas da "Compagnie Française du Nord Africain" insurgiram-se tambem, na mesma época, contra os capitalistas. As autoridades francezas conseguiram submettel-os. Para a Hespanha, o incidente serviu de pretexto para iniciar sua politica imperialista. Algum tempo depois, em 1910, Affonso XIII, visitando o Marrocos hespanhol, e encontrando-se sobre a collina de Uixan, teve a vaidade espicaçada por um cortezão, que pronunciou esta bella phrase: "Sire, nenhum monarcha hespanhol, depois de Felippe II e antes de vós, poderia orgulhar-se de ter conquistado novos territorios para sua patria". Desde esse dia o rei da Hespanha quiz entrar na historia como Affonso XIII, o Africano.

Será o "africano sovado".

O exercito hespanhol, desacreditado pelas guerras coloniaes anteriores, aguardava a occasião de redourar seus laureis emmurchecidos. Marrocos pareceu-lhe propicio, prometedor de faceis victorias. Uma "Companhia Civilizadora del Rif" creou-se, com o concurso dos chefes do exercito. Os colonizadores puzeram-se a metter as unhas em terras riffenhas em proveito dos chefes do exercito e dos officiaes. Foi um periodo de pirataria agaloada.

As prospecções haviam revelado as riquezas geologicas do Rif. O sangue hespanhol e riffenho derramado em Marrocos transformou-se em bom adubo. A "Companhia de Minas del Rif" distribuiu recentemente seus dividendos relativos a 1924: 75 pesetas por acção, em logar de 50 em 1923. O trabalho mal pago dos mineiros indigenas serve para fazer concurrencia ao dos mineiros da peninsula. A crise das minas de Biscaya accentua-se cada vez mais. As revistas financeiras o annunciam: um contrato foi feito com firmas allemãs, que compram 50 mil toneladas do minerio de ferro da Africa do Norte.

Desde 1921 o problema marroquino assumiu tambem um outro caracter, para a Hespanha. Até então, o imperialismo hespanhol não encontrava mais que a hostilidade de algumas tribus que se insurgiam esporadicamente, sem cohesão nem objectivos politicos. A Hespanha combinava a acção militar com a acção chamada "civil", consistente em corromper os chefes marroquinos influentes, que traiam seu povo e sua causa. Esta politica era explorada pelo Roghi, Muley Hafid e pelo Raisuli. Um e outro faziam disso um commercio lucrativo — para elles — com os colonizadores e de tempos a tempos sublevavam tribus com o fim unico de extorquir novos subsidios á Hespanha.

O apparecimento de Abd-El-Krim á frente dos africanos modificou todos os dados do problema. Abd-El-Krim é chefe de um movimento de independencia riffenha. A politica de corrupção fracassou inteiramente junto delle e de seus partidarios. Abd-El-Krim percebeu que mais vantajoso seria bater os hespanhões. Arranca-lhes assim armas e o dinheiro necessario para continuar a lucta e fundar a Republica do Rif. Ello não admitte a hypotheca da liberdade do paiz. Sabem-no os capitalistas inglezes, que pretenderam colonizar o Rif por meio de emprestimos. Recentemente, Abd-El-Krim mostrou sua hostilidade ao Rai[illegible] do imperialismo he[illegible] Muley-Yussef, sultão pe[illegible] colonizadores francezes.

Abd-El-Krim conta com a sympathia e a solidariedade do Islam, que vê com razão, na guerra victoriosa mantida pelos riffenhos contra os hespanhóes, uma guerra de independencia. No ultimo congresso islamico realizado em Balgaum (India), mais de dois mil delegados musulmanos votaram uma moção de solidariedade aos riffenhos. Um correspondente do "Chicago Daily News" visitou ultimamente Adjir, capital da Republica do Rif, e conversou com Abd-El-Krim. Este relata o jornalista, recebe diariamente numerosas mensagens do mundo musulmano e das sociedades secretas de Londres e da India. O "Daily Herald", commentando esse artigo, julgou opportuno advertir ao Sr. Chamberlain do perigo. Trabalhismo imperialista.

Tem-se querido apresentar o movimento de Abd-El-Krim como uma revolta de selvagens. E' um velho costume dos imperialistas procurar desacreditar os movimentos libertadores dos povos colonizados. Os riffenhos amam a civilização, porque já começaram a conhecer seus beneficios. Depois da derrocada de Anual (1921), quando o exercito hespanhol reconquistou o terreno perdido, viu-se que os riffenhos haviam respeitado todos os edificios publicos construidos pelos seus inimigos. Os hespanhóes encontram, não raro, no decorrer de suas barbaras "razzias", entre os indigenas, moveis europeus, machinas de costura, gilettes, kodaks, gramophones. Algumas missões scientificas que penetraram no territorio independente receberam excellente acolhimento.

Todos quantos hão visitado Adjir ficam maravilhados pela extraordinaria transformação operada por Abd-El-Krim em sua "capital". Elle procura "modernizal-a". Secunda-o, nessa obra, seu irmão, homem de vasta cultura, que fez seus estudos em Madrid, na "Residencia de Estudiantes", onde se instruem os filhos dos intellectuaes hespanhóes.

Dos talentos militares de Abd-El-Krim tem o exercito hespanhol recebido bastantes provas. São derrotas sobre derrotas, desde que o Libertador do Rif dirige as operações. As perdas hespanholas tem sido consideraveis. Em novembro ultimo, milhares de hespanhóes tombaram. A censura militar passou em silencio a catastrophe. Mas o correspondente do "Chicago Tribune" escreveu: "No espaço de vinte minutos, houve em Xaruta 234 mortos, que os contei eu... E Xaruta foi apenas um episodio da retirada, que, segundo os communicados officiaes, custou 15 mortos! Penso que as perdas totaes dos hespanhóes foram de 3.000 homens."

Assim morrem os lavradores e os jovens operarios da Hespanha!

Após esse novo desastre marroquino, Primo de Rivera quiz uma victoria no interior. Teve-a, mettendo na prisão, ás centenas, os militantes proletarios que na Hespanha se mostravam solidarios com os insurrectos do Rif. Faz-se o que se póde.

Sendo completa a derrota em Marrocos, trata-se de hypotheses de acção civil e de "protectorado". Que resultará d'ahi? Nada. Já o sabem os imperialistas hespanhóes. Um jornalista disse por que fracassarão essas semi-medidas: "Porque os canhões e as bombas dos aeroplanos hespanhóes fizeram no interior do territorio riffenho mais estragos do que as artilharias allemã e alliada o fizeram nas planicies da Champagne." — J. A. R.

Sport burguez e sport operario

A classe capitalista detêm actualmente em suas mãos toda a engrenagem sportiva, nacional e internacional. Só na Russia o sport, sem a pressão capitalista, é exercido por uma necessidade dos jovens operarios. E os exercicios athleticos o são por todos os trabalhadores. Mas, nos outros paizes, onde domina o capitalismo, os operarios sportistas servem de instrumentos doceis nas mãos da classe dominante. Aqui, no Rio de Janeiro, vimos ha tempos a scisão havida em uma das ligas burguezas de foot-ball, nascendo dessa scisão uma nova entidade, aliás, ainda mais capitalizada. Applicando o marxismo, a theoria do proletariado, a essa lucta sportiva burgueza, concluiremos que a maioria capitalista procura dominar o sport no Rio. Logo, ha supremacia de classe.

A scisão havida demonstrou que os chamados (pelos capitalistas) grandes clubs, pretenderam, e separaram-se dos chamados "pequenos clubs", porque nas assembléas da liga venciam sempre as resoluções dos pequenos, em vista de haver mais numero destes. E, entre muitas resoluções, os grandes clubs resolveram a não acceitação de "operarios" e "gente de côr".

Agora, perguntamos aos operarios se temos ou não necessidade de conhecer nesses incidentes certas fórmas da lucta de classe.

Não vêdes, camaradas, que vos apartaram?

Pois, proletarizemos os clubs, para que, unidos economicamente, no partido dos trabalhadores, possamos enfrentar a classe dominante — Os operarios sportistas.

ADMINISTRAÇÃO

SUBSCRIPÇÃO PERMANENTE

Lista de Luiz Madureira: 46$000.

Lista 124 (resto): 3$000.

Lista 196: Manoel F. de Souza, 3$; Um socio da Construcção Civil, 2$; José Marques, 1$; José Domingues, 1$; Joaquim da Silva, 2$; Antonio Neves, 2$; Edgard dos Santos, 1$; Nestor Ferreira, 1$; José Moreira, 3$; Carvalho, 3$; De um atheu, 1$; José Marques, 2$; José Jacques, 1$; Antonio Alexandre, 1$000. Total: 24$000.

Lista 64: Cedio de Britto, 5$; Francisco Pinto, 1$; Mario Castro, 1$; Antonio Abrantes, 2$; Edgard Ferreira, 2$; Plinio Gomes, 1$; Luiz Ferreira, 3$; Leonidio Costa, 3$; Rôsa, 2$; Sebastião Novaes, 1$; Luiz Selente, 2$; Henrique Spinelli, 2$; Modesto, 2$; Carlos Gulo, 2$; Paschoal Sicilliano, 2$; Malicia, 1$; Antillo, 1$; Antonio Maia, 1$; Antonio Castro, 2$000. Total: 36$000.

Lista 63: Aristides, 1$; Irmão, 1$; Simão, 1$; José S., 1$; Mauricio, 1$; Ramiro, 10$; Salão Nunes, 2$; Nemesio Pinhão, 2$; Antenor Almeida, 2$; Gonçalo, 1$; Anonymo, 2$; Um suspeito, 5$; José Matta, 5$; Manoel Antonio Gomes, 2$; João Baptista de Souza, 1$; Nemesio P. Bouças, 2$; Armazem Central de Piedade, 2$000. Total: 41$000.

Lista 62: Nereu Rangel Pestana, 13$000.

Lista 55: Aristides Lobo, 10$000.

Lista 64: Seabra, 5$; Monteroso, 2$; Canda Otero, 2$; José L. Landeiro, 3$; José dos Santos Ramos, 3$; Francisco Rodrigues, 3$; Eduardo K., 2$; F. Scholl, 1$000. Total: 21$000.

Lista 35: José de Souza, 1$; Elpidio de Souza, 1$; Felizardo M., 1$; José Lemoine, 1$; Lauro Pereira, 1$; Manoel Clemente, 1$; J. Paixão, 1$; Adrião E., 1$; Francisco Accioly, 1$; Estevão Napoleão, $500; João Villanova, $500; Luiz Nascimento, $500; José Vianna, $500; Manoel Fraga, 1$; Genesio Baptista, 1$000. Total: 13$000.

Lista 31: Argemiro Daval, 10$; Daniel de Souza, 10$; Generoso Gonzalez, 10$000. Total: 30$000.

Lista 32: Antonio S. de Miranda, 1$; Manoel J. da Paixão, 1$; José F. de Oliveira, 1$; João Firmino, 1$; Manoel A. de Oliveira, 2$; Manoel A. da Rocha, 1$; José Coringa, 1$; João V. dos Santos, 2$; Vicente Coutinho, 1$; Joaquim Barreto, 1$; Amaro Silva, 1$; João Luiz, 1$; Severino Leite, 1$000. Total: 15$000.

Lista 33: Herculano F. Baptista, 3$; Pedro B. Evangelista, 1$; João Tiburcio de Mattos, 2$; Joaquim F. da Silva, 1$; Amaro Marques, 1$; Lourenço Baptista, 1$500; José R. de Jesus, 1$; Joaquim Almeida, 1$; Bernardino de Senna, 1$; Antonio F do Nascimento, $500; Antonio Joaquim, $500; Cassiano F. da Silva, $500; Belarmino B. de Paiva, 1$; José F. M. da Silva, 1$; Amaro M. dos Santos, 1$; José Aã, 1$; José F. Mendes, 1$; João S. da Silva, 1$; Manoel R. Maciel, $500; Philomeno R. dos Santos, $500; J. A. Pessôa Filho, $500; Joaquim Amaro, 1$; Antonio I. Vianna, 1$; João B., 1$; João Nicolau, 1$; João A. dos Santos, 2$000. Total: 27$500.

Lista 34: Satyro de O. Lima, 2$; José Rufino, 1$; Manoel Alexandrino, 1$; José Ferreira, 1$; A. Tertuliano, 1$; Severino de Souza, 1$; Angelo Francisco, 1$; Godofredo Sobral, 1$; Um operario, 1$; João Baptista, 1$; Sebastião Eusebio, 1$; Manoel Ignacio, 1$. Total, 13$000.

Lista 36: João P., 1$; Emygdio Cruz, 2$; José Beraldo, 1$; Adolpho Botler, 2$; Malachias da Silva, 2$; João Vicente, $500; Jonas Silva, 1$; João Vieira, 1$; Trajano Rodrigues, $500. Total, 11$000.

Lista 38: Arguia, $500; Navarro, $500; José Rodrigues, $500; Manoel da Silva, $500; José da Silva, 1$; Camillo, 1$; Pedro Lyra, 5$; Antonio Leopoldino, 1$; José Antonio, 1$; João Nogueira, 5$; Antonio Barbosa, 1$; Luiz dos Santos, 1$. Total, ... 18$000.

Lista 39: Pedro F. de Lima, 2$; Severino R. Paixão, 1$; José F. de Barros, 1$; Agricio Emygdio, 1$; Elpidio Azevedo, 2$; João Ferreira, $500; Cesario Luiz, 1$; Joaquim Alves, $500; Vecte Ferrara, $500; Manoel G. de Almeida, 1$; Marco Antonio, $500; Martim Ignacio, $500. Total, 11$500.

Lista 40: José de S. Medeiros, 3$; Luiz Lestrade, 5$; R. Karasik, 5$; Abrahão, 5$; Agnus, 2$. Total, ... 20$000.

Lista 200. Antonio Gonçalves (dia de trabalho), 8$; Constantino Macnado (idem), 10$; Agenor, 5$; Camito do "O Paiz", 25$900; Paulo Canuto, 4$; José Pinto, 2$; Possidonio Santos, 4$; Centro Operario Sergipano, 2$; Maria Ferreira da Silva, 1$; F. Teixeira, 3$; Agostinho Vaz, 1$; J. Neves, 1$; C. de Souza, 1$; A. P. A., 3$; Anonymo, 1$; Henrique Schames, 3$. Total, 74$900.

Os 25$900 dos dedicados companheiros de "O Paiz" foram assim obtidos: Magalhães, 1$; Dalla Déa, 1$; Medina, 1$; Othon, 1$; Rodrigues, 1$; Alfredo dos Santos, 1$; José Torres, 1$; Barros, $500; Affonso, $500; Vieira, $500; Maximiano Bastos, $500; Costa, $500; Waldemar, $500; Deodoro, $500; Capellani, $500; Eugenio, $500; Agenor, $500; Guilherme, $500; Conrado, $500; Leal, $500; Tertuliano, $500; Frederico, $500; Schmidt, $500; Maia, $500; Christo, $500; Carvalho, $500; Raul Menezes, $500; João Bastos $500; Olympio, $500; Jorge Costa, $500; Godofredo, $500; Pennafort $500; Nelson, $500; Cunha, $500; Ricardo, $500; Gabriel, $500; Paiva, $500; Abdon $500; Heitor Sodré, $500; Painhas, $500; Reynaldo, $500; Soares, $500; Angelo, $500; Pedrosa, $500, e Armando, $400.

ASSIGNANTES

340, Josepha Peixoto, 2$; 341, Santos Taussi, 2$; 342, Gallieu Alves de Souza, 2$; 343, Antonio de Araujo, 2$; 344, Augusto Frankini, 2$; 345, Dante Marquette, 2$; 346, Sebastião Paes Lemo, 2$; 347, Paulino Ruben de Lemos, 4$; 348, Samuel Ursulino, 4$; 349, Manoel Pires Carneiro da Cunha, 4$; 350, Antonio Luiz dos Santos, 4$; 351, S. União Operaria Beneficente, 4$; 352, Francisco Barbosa, 4$; 353, Paulino Seraphim dos Santos, 4$; 354, Firmo Pacifico de Andrade, 2$; 355, Manoel Messias Ferreira, 2$; 356, João Pereira Gomes, 2$; 357, Manoel Luiz dos Santos, 2$; 358, José Francisco Lima, 2$; 359, Pedro Mattos, 2$; 360, Elpidio Menezes, 2$; 361, Manoel Julio da Silva, 2$; 362, Manoel Franklin da Rocha, 2$; 363, Antonio Siqueira Alves, 2$; 364, Sergio Nogueira, 2$; 365, João Almeida, 2$; 366, Anthero T. de Menezes, 2$; 367, Clodomir Silva, 2$; 368, Pedro Nery, 2$; 369, Mariano Salmeron, 2$; 370, José Freire Conceição, 2$; 371, Etelvino P. Almeida, 2$; 372, Secundo Silva, 2$; 373, José Novaes, 2$; 374, Manoel Messias dos Santos, 2$; 375, Celso Bomfim, 2$; 376, Gervasio Barreto, 2$; 377, Pedro Lima, 2$; 378, Associação R. dos Cocheiros C. e Annexos, 8$; 379, José R. Eiras, 2$; 380, Cantidio Costa, 4$; 381, Henrique Schames, 4$; 382, Pedro Pontim, 4$; 383, Pedro Rodrigues, 4$; 384, Anthero Lopes Castro, 4$; 385, Domingos Tonella, 4$; 386, Francisco Weiss Filho, 4$; 387, Manoel Nunes, 8$; 388, José Marques, 4$; 389, Manoel G. Cannas, 8$; 390, Abrahão Holtman, 4$; 391, Hygino Afonso, 8$; 392, Francisco Nunes Real, 8$; 393, Julio Pergola, 8$; 394 Luiz Galeoti, 8$; 395, Augusto Marques, 2$; 396, Alfredo Gomes, 8$; 397, Manoel Gomes, 8$; 398, Aristides Ferreira Ayrosa, 8$; 399, Francisco Vieira, 8$; 400, João Cavalcanti, 8$; 401, Joaquim Delgado, 2$; 402, Fidelis P., 2$; 403, Fernando P., 4$; 404, Augusto P., 2$; 405, Henrique W., 2$; 406, Armando C., 2$; 407, Nereu Rangel Pestana, 8$; 408, Olavo Athayde, 4$; 409, José Cardoso Portella, 8$; 410, João de Deus, 2$; 411, Antonio Souza Pinto, 4$; 412, D. Maria Ferreira da Silva, 4$; 413, Argemiro Daval, 8$; 414, Daniel de Souza, 8$; 415, Generoso Gonzalez, 8$000.

A simples publicação do nome do assignante substituirá a trabalheira dos recibos.

BALANCETE

Receita: saldo anterior, 66$300; total das listas acima, 420$000; total das assignaturas acima, 294$; venda dos comités do Rio e dos Estados 334$900; venda avulsa de 1.363 jornaes a 60 réis, 81$800; Isauro (junho), 12$000. Total, 1:215$900.

Despezas: Sellos de expedição e propaganda 22$300; viagens extraordinarias, 3$; enveloppes, 1$300; expedidor, 20$; carregador, 3$; ajudante do expedidor, 2$500; composição e impressão do n. 9, 400$; 1 bobina para o n. 9, 208$; despezas em Pernambuco, 3$500; idem, em Santos, 2$; carreto, 5$. Total: 670$600.

Resumo

Receita	1:215$900
Despeza	670$600
Saldo	545$300

AOS VENDEDORES NOS PONTOS

Pedimos a fineza de conservar o jornal aberto todos os 7 dias.

COMITE'S PRO'-"A CLASSE OPERARIA"

Formaram-se mais 2: um em Maceió e o outro no Recife.

UM DIA DE TRABALHO

Varios companheiros padeiros já offereceram um dia de trabalho á A CLASSE OPERARIA.

Trabalhadores do Brasil, imital o gesto dos padeiros do Rio!

MISCELANEA

Aos que receberem o jornal, pedimos a fineza de mandar pagar a assignatura o mais breve possivel.

Aos encarregados de listas, pedimos que as devolvam.

Aos pacoteiros do Rio, lembramos que as contas devem ser prestadas todas as semanas.

Aos pacoteiros dos Estados, lembramos que as contas devem ser prestadas de 15 em 15 dias.

Toda e qualquer quantia deve ser remettida em vale postal, registrado com valor ou cheque, do Banco Commercial do Estado de S. Paulo, para A. A. Brasil de Mattos, rua Marechal Floriano n. 172, 1º andar, Rio de Janeiro.

24 de junho de 1925. — O administrador.

Ao administrador dos Correios de Pernambuco

Communicamo-vos que, tendo enviado para o Recife, 200 exemplares do n. 3 da A CLASSE OPERARIA, os destinatarios só receberam 80. Noutra remessa, desappareceram 25.

Communicamo-vos tambem que, na vossa repartição, não se aceitam vales dirigidos ao nosso director, só por causa das duas iniciaes: "A. A." Ora, acabamos de vir da secção de vales postaes do Correio Geral, onde nos communicaram não ter sentido tal recusa. Communicamos mais que temos recebido quantias diversas de varios Estados (S. Paulo, Minas, Espirito Santo) e que só Pernambuco é que põe obstaculos. Assim, solicitamo-vos providencias immediatas.

Como no tempo da escravatura

Ha dias, um dos nossos companheiros foi saber da situação dos operarios da fabrica de telhas Ludolf.. Lá recebeu as maiores queixas contra os patrões. Eis, porém, que uma pessoa de confiança veiu procurar-nos para communicar-nos que o nosso companheiro não deveria ir mais lá, visto que os donos da fabrica o mandariam prender. Estes burguezes allemães julgam que o Brasil é alguma colonia do kaiser. Prender? Por que? E' crime recebermos as queixas dos nossos companheiros? Enganai-vos. Os operarios não são vossos escravos.

O N. 8

O n. 8 da A CLASSE OPERARIA foi escripto por cinco graphicos, cinco metallurgicos, um cozinheiro, dois maritimos, dois tecelões, dois operarios em construcção civil, um canteiro, dois vassoureiros, um trabalhador do cáes do porto, um trabalhador em fabrica de enxadas, dois beneficiadores de fumo, dois garçons, dois alfaiates, dois barbeiros, um tintureiro, quatro empregados no commercio e um operario de fabrica de productos chimicos.

Tinturaria e Alfaiataria Fortaleza

Lavagem chimica. Tingem-se e limpam-se todas as qualidades de fazendas, qualquer que seja a côr. Tira o môfo das fazendas. Fazem-se e concertam-se roupas sob medida. O passamento a ferro é sempre feito com perfeição. Casimiras de primeira ordem.

Fernando Carrasco

Tinge-se para luto em 24 horas. Attende-se a chamados—Tel. C. ... 30, RUA DA MISERICORDIA (Proximo á igreja de ...) RIO ...

MUTILADO